

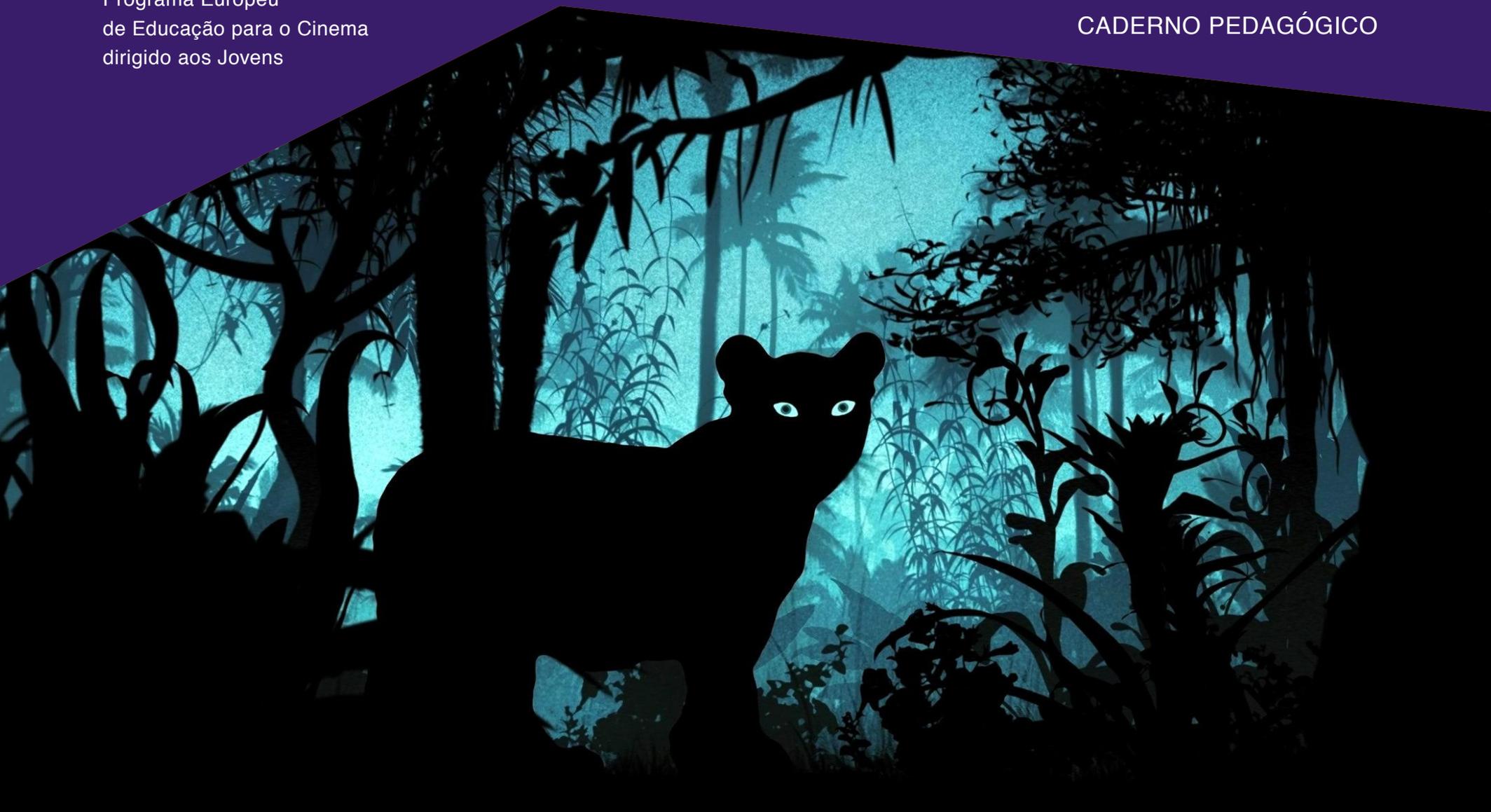


The Blue Tiger (O Tigre Azul)

Petr Oukropec

Programa Europeu
de Educação para o Cinema
dirigido aos Jovens

CADERNO PEDAGÓGICO



ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO pg. 02

- CinEd: uma colecção de filmes para uma educação de cinema europeu **pg. 02**
- Porquê este filme? **pg. 03**
- Ficha técnica e cartazes **pg. 03**
- Destaques e sinopse **pg. 05**

II. O FILME pg. 06

- Contextos **pg. 06**
- Realizador e a sua obra **pg. 06**
- O filme no contexto da obra **pg. 07**
- Inspirações **pg. 10**
- Testemunhos **pg. 11**

III. ANÁLISE pg 12

- Capítulos do filme **pg. 12**
- Questões de cinema **pg. 14**
- Análise de um fotograma: Johanka sobre a areia ... **pg. 17**
- Análise de um plano: destruição de uma grua **pg. 18**
- Análise de uma sequência: a bofetada **pg. 19**

IV. CORRESPONDÊNCIAS pg. 21

- Reflexos do imaginário: um jardim mágico **pg. 21**
- Diálogos entre filmes: *O Tigre Azul*, *Rentrée des Classes* e *Petite Lumière* **pg. 22**
- Caminhos: Inspiração literária **pg. 25**
- Recepção: Troca de impressões **pg. 27**

V. ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS pg. 29

CINED: UMA COLECÇÃO DE FILMES PARA UMA EDUCAÇÃO DE CINEMA EUROPEU

O CinEd dedica-se à transmissão da Sétima Arte enquanto objecto cultural e material que ajuda a pensar o mundo. Para tal, elaborou-se uma pedagogia comum a partir de uma selecção de filmes produzidos pelos países europeus parceiros do projecto. A abordagem quer-se adaptada à nossa época, caracterizada por mudanças rápidas, extraordinárias e constantes na maneira de ver, receber, difundir e produzir imagens. Estas podem ser vistas numa multiplicidade de ecrãs: desde os maiores ecrãs de cinema às televisões, computadores e *tablets*, até aos *smartphones* mais pequenos. O cinema é uma arte ainda jovem, mas cujo fim foi já várias vezes vaticinado. Obviamente, tal não aconteceu.

Estas mudanças repercutem-se no cinema: a sua transmissão deve tê-las em conta, nomeadamente na maneira cada vez mais fragmentada de visionar filmes em ecrãs diferentes. As publicações CinEd propõem e defendem uma pedagogia sensível e indutiva, interactiva e intuitiva, que difunde saberes, ferramentas de análise e possibilidades de diálogo entre as imagens e os filmes. As obras são abordadas em escalas diferentes: no seu conjunto, mas também por fragmentos, e segundo temporalidades diferentes – fotogramas, planos, sequências.

Os cadernos pedagógicos convidam os alunos a interagir com os filmes de uma forma livre e flexível. Um dos grandes desafios é compreender e identificar-se com a imagem cinematográfica através de abordagens diferentes: descrição, etapa essencial de qualquer processo de análise, e a capacidade de extrair e seleccionar imagens, organizá-las, compará-las e confrontá-las. Tratam-se de imagens do filme a analisar e de outros, assim como de outras artes visuais e narrativas (fotografia, literatura, pintura, teatro, banda desenhada...). O objectivo não é a transitoriedade das imagens, mas o seu sentido. Deste modo, o cinema torna-se uma arte sintética particularmente imprescindível na construção e fortalecimento do olhar das novas gerações.

Este caderno pedagógico foi organizado pela Czech Association of Film Clubs (Associação de Cineclubes da República Checa)

Autores:

Tereza Czesany Dvořáková (Caderno Pedagógico), Martina Voráčková (Ficha do Aluno, colaboração nas Actividades Pedagógicas)

Agradecimentos:

Nathalie Bourgeois, Eva Paroulková, Katia Mendez Best, Léna Rouxel, Mélodie Cholmé, Petr Oukropec

Tradução:

Maria João Marques

Coordenação geral: Institut français

Coordenação pedagógica: Cinémathèque française / Cinéma, cent ans de jeunesse

Copyright: CinEd / Institut français

Este caderno pedagógico é dedicado exclusivamente a fins não comerciais. Não pode ser parcial ou totalmente utilizado para qualquer benefício financeiro, sob pena de ficar sujeito a processo judicial.

PORQUÊ ESTE FILME?

O Tigre Azul é um conto de fadas sobre duas crianças e um tigre azul que vivem num antigo jardim botânico – um ambiente incongruente num contexto urbano. A história debruça-se sobre o tema da protecção da natureza e os conflitos entre velho e novo, convencional e não convencional. A luta das crianças contra as construtoras e os insensíveis e corruptos políticos locais é uma metáfora universal da incerteza que crianças e adultos sentem no mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo, no entanto, em termos temáticos – embora de forma simplificada para um público jovem – **O Tigre Azul** segue a tradição dos filmes subversivos do outro lado da Cortina de Ferro da segunda metade do século XX. O mundo das crianças é representado como um mundo de esperança, enquanto que o mundo dos adultos é marcado pela cedência e pelo despotismo.

O filme combina imagem real com técnicas de animação. Esta abordagem, juntamente com a natureza do livro original e o género do conto de fadas ocorrendo no mundo ficcional de uma cidade contemporânea, proporcionou aos seus criadores liberdade suficiente para desenvolverem um *design* estilizado. Os elementos de animação em **O Tigre Azul** são tratados de forma sensível, mas também criativa, combinando animação clássica em 2D com métodos digitais contemporâneos.

O filme reúne várias tradições cinematográficas, indo beber aos filmes checos infantis e juvenis que, nos anos 1970 e 1980, tiveram enorme sucesso não só na Checoslováquia, mas também internacionalmente. Iguamente fundamental, contudo, é o legado do cinema de animação europeu (e não só) do pós-guerra, altura em que os cineastas adquiriram melhores condições para uma produção sistemática e sustentável de filmes nacionais artisticamente originais.

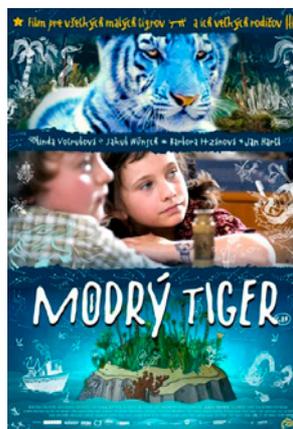
O Tigre Azul, de Petr Oukropec, um realizador estreante e produtor experiente, é um exemplo significativo de uma longa-metragem de valor artístico destinada essencialmente a crianças em idade escolar. Este género desapareceu virtualmente do cinema checo na sequência do colapso do sistema de estúdios após 1989. No entanto, o realizador continuou a dedicar-se à criação de obras para crianças e adolescentes. **O Tigre Azul** foi um sucesso não só na República Checa, mas também na Alemanha, Suíça, Polónia e Eslováquia.



Cartaz internacional



Cartaz alemão



Cartaz eslovaco

FICHA TÉCNICA

Título original: Modrý tygr

Estreia: 23.02.2012

Duração: 90 min.

País de origem: República Checa – Eslováquia – Alemanha

Realização: Petr Oukropec

Co-realização: Bohdan Sláma

Baseado no livro: **The Blue Tiger** (2005) de Tereza Horváthová's

História: Juraj Horváth

Argumento: Tereza Horváthová, Petr Oukropec

Design gráfico: Juraj Horváth

Design gráfico adicional: Vanda Raymanová, Jozef Štřelec, Martin Snopek, Michaela Tyllarová

Direcção de fotografia: Klaus Fuxjäger

Animação: Michal Štruss etc.

Efeitos visuais: Boris Masník (supervisão), UPP

Efeitos especiais: Trick SF

Produção: Negativ – Petr Oukropec, Milan Kuchynka, Pavel Strnad

Co-produção: Blinker Filmproduktion, ARINA, České televize, Rozhlas a televízia Slovenska, UPP

Direcção de produção: Ctibor Poucha

Banda sonora original: Jakub Kudláč, Markus Aust

Montagem: Jakub Hejna

Som: Jan Čeněk

Direcção de arte: Henrich Boráros, Michal Šlusar, Jan Orška

Figurinos: Andrea Králová

Elenco: Linda Votrubová (Johanka), Jakub Wünsch (Matyáš), Barbora Hrzánová (mãe de Johanka), Jan Hartl (pai de Matyáš), Daniel Drewes (Autarca Rýp), etc.

Contos de fadas /
Política

Velho / Novo

Natureza
e Animais

Cores



Imaginação /
Realidade

DESTAQUES

CONTOS DE FADAS / POLÍTICA

O **Tigre Azul** é um filme que segue a tradição dos contos de fadas, em que o bem confronta o mal. O bem surge personificado pelos peculiares e antiquados habitantes do jardim botânico. O mal é representado pelo presidente da câmara, um homem arrogante e sem escrúpulos em vias de requalificar o velho bairro. Os habitantes e as crianças do bairro – que gostam de cães, andam sempre com pressa e são viciados em telemóveis – vivem na fronteira entre o bem e o mal. Tal como os contos de fadas tradicionais, frequentemente políticos (comentando, por exemplo, sobre o sistema feudal da era pré-industrial), **O Tigre Azul** é também um conto de fadas político com uma mensagem contra a globalização.

VELHO / NOVO

Um dos temas fundamentais do filme, sendo desenvolvido de várias formas, é o contraste entre o velho e o novo. O velho encontra-se ameaçado pelo novo, uma vez que o bairro antigo está previsto ser demolido e substituído por um novo. O mundo dos protagonistas caracteriza-se por objectos antigos e roupa *rétro*. Contudo, na área do velho bairro também existem elementos novos. No filme, o diálogo entre velho e novo está ainda presente na combinação entre métodos de animação tradicional e a mais avançada tecnologia 3D.

CORES

Em **O Tigre Azul**, as cores não são usadas meramente para criar atmosfera, mas também ajudam a dar forma à história. O mundo do jardim, o tigre e a natureza surgem em tons de verde e azul. O velho bairro caracteriza-se

pela diversidade de cores, enquanto que o mundo do autarca Rýp é a preto-e-branco. A distinção das cores sublinha os contrastes e as contradições entre os diversos mundos. As cores vão mudando de acordo com a acção do filme.

IMAGINAÇÃO / REALIDADE

O filme passa-se num mundo ficcional de aparência realista. Uma ávida leitora e desenhadora, Johanka é introduzida como uma personagem criativa de imaginação extremamente desenvolvida. As suas ideias ganham vida diante dos seus olhos e nos seus sonhos. No entanto, a verdadeira forma do tigre permanece escondida do espectador durante bastante tempo. No final do filme, os nossos heróis abandonam o jardim e partem rumo ao mundo da imaginação. O ambiente divertido das últimas cenas faz com que o espectador não interprete como pessimista aquela que é uma fuga à realidade do nosso tempo.

NATUREZA E ANIMAIS

O jardim botânico, os animais e os habitantes do jardim remetem para o arquétipo do natural e do autêntico. A representação positiva da natureza e da autenticidade encontra-se frequentemente na arte (em pinturas, romances, etc.). O animal selvagem representa a liberdade, a ausência de restrições e a sabedoria natural. As plantas abundantes da estufa tornam-se o seu esconderijo e refúgio. As crianças não foram ainda totalmente infectadas pela civilização contemporânea, podendo ainda ser salvas. Os adultos mais próximos da natureza (a mãe e o botânico) são apresentados como sabendo mais do que as outras personagens.

SINOPSE

Johanka e Matyáš vivem com os pais num antigo jardim botânico no centro da cidade. Eles não se integram na escola porque são diferentes; não usam telemóveis nem vestem roupas de marca, mas lêem livros e estão familiarizados com a natureza. Johanka tem problemas com uma cruel funcionária da escola, mas, devido à sua imensa imaginação, as suas ideias ganham vida diante dos olhos. Um dia, um tigre azul que ela costuma desenhá-lo ganha realmente vida, congestionando o trânsito e aparentemente comendo os cães do velho bairro, que começam a desaparecer perto da câmara municipal. Toda a área, incluindo o jardim botânico, está prevista ser arrasada. No seu lugar, irá ser construído um moderno bairro de vidro e betão armado. O terrível autarca Rýp aproveita-se da situação e põe a cabeça do tigre a prêmio, declarando que o bairro é um local perigoso e antecipando a data da demolição. O jardim deve ser evacuado no espaço de um mês, o que deixa crianças e pais desesperados. O tigre azul, ferido pelo carro do presidente da câmara, procura refúgio no jardim, onde é assistido pelas crianças e pela mãe de Johanka. Assim que recupera, o jardim volta a ganhar vida, ao mesmo tempo que numerosas plantas raras, particularmente ostentando flores azuis, brotam da noite para o dia. Uma multidão de gente aflui a ver as novas plantas. No entanto, algumas pessoas, como Kráčmera, o motorista do presidente da câmara, desconfiam que o tigre possa estar escondido no jardim. Assim, durante a noite, este administra um tranquilizante ao tigre e leva-o do jardim. As crianças seguem-no e descobrem o esconderijo do presidente, onde este não só aprisionou o tigre, mas também os cães desaparecidos. Depois de chamarem a polícia, uma equipa de TV apanha Rýp em flagrante. O tigre desaparece. Os habitantes do jardim mudam-se para umas antigas piscinas municipais. Uma vez aí, chegam de barco à pintura de uma ilha, reunindo-se novamente com o tigre azul.

CONTEXTOS

GLOBALIZAÇÃO

O **Tigre Azul** pode ser caracterizado como um filme eminentemente global que se debruça sobre problemas globais, ao mesmo tempo que reflecte profundamente sobre uma tradição e contexto locais. Devido ao tema da resistência contra a requalificação de um bairro antigo, o filme insere-se num contexto internacional mais vasto de valores essencialmente baseados no protesto e no activismo, ideologicamente situado entre os movimentos de esquerda contra a globalização e os projectos de bairros e comunidades locais ligadas, por exemplo, ao combate à gentrificação das zonas urbanas. O filme apresenta um forte carácter local – um espectador familiarizado com Praga certamente reconhecerá o bairro de Karlín. No entanto, não há uma referência explícita à localização, podendo a história passar-se noutra cidade europeia, mais antiga ou até inventada.

CRÍTICA POLÍTICA NOS FILMES JUVENIS

A Nova Vaga do cinema checoslovaco, gozando de algum sucesso a nível mundial, foi violentamente reprimida após a ocupação da Checoslováquia pelas tropas do Pacto de Varsóvia, em 1968. No início dos anos 1970, grande parte dos cineastas dessa geração foi censurada, sendo alguns forçados ao exílio. A situação foi melhorando lentamente a partir do final da década de 1970. No entanto, ainda não havia liberdade artística, obrigando frequentemente os cineastas a recorrer a metáforas e alegorias para comentar os assuntos da época. Até à mudança de regime de 1989, os projectos mais significativos surgiam tendencialmente fora da corrente dominante.

Assim, não é por acaso que os filmes infantis e juvenis, menos activamente controlados pelos censores, floresceram nos anos 1970 e 1980. Os filmes juvenis passaram a ser dominados por uma geração de jovens cineastas que, com alguma dificuldade, se estrearam nessas décadas. Habitualmente na sequência dos primeiros filmes de Miloš Forman, expondo também um indiscutível conteúdo político. Os jovens protagonistas de filmes como *Just Whistle a Little* (*Jen si tak trochu písknout*, real. Karel Smyczek, 1980), *A New Boy Started Today* (*Dneska přišel nový kluk*, real. Vladmír Drha, 1981) ou *Juice Novel* (*Džusový román*, real. Fero Fenič, 1984), com quem o espectador se identifica, vêem-se obrigados a enfrentar a incompreensão e rejeição da geração dos seus pais e professores. As atitudes da geração anterior são hipócritas, estúpidas e falsas. Talvez aqui se possam traçar as raízes do motivo porque várias personagens adultas em **O Tigre Azul** são retratadas de forma mais negativa do que é habitual nos filmes infantis europeus.



Just Whistle a Little (real. Karel Smyczek, Checoslováquia, 1980)



O REALIZADOR E A SUA OBRA



Petr Oukropec com o actor que interpreta Matyáš durante a rodagem de *O Tigre Azul*

O realizador Petr Oukropec (nascido em 1972) cresceu na família de um profissional da televisão, começando a frequentar estúdios desde muito cedo. Todavia, só realizou o seu primeiro filme, **O Tigre Azul**, aos 40 anos, tendo já construído uma excelente carreira de quase 20 anos como produtor de cinema. Oukropec chamou a atenção pela

primeira vez em 1994 ao tornar o filme de final de curso, *Indian Summer* (realizado por Saša Gedeon), numa co-produção internacional que obteve grande sucesso junto do público checo e em festivais internacionais. Em 1995, foi co-fundador de uma das mais importantes produtoras independentes da Europa Central, a *Negativ*, actualmente ainda em actividade, especializada em filmes artísticos e de autor. Durante muitos anos, esta produtora colaborou com realizadores checos influentes, tais como Bohdan Sláma, Helena Třeštíková, Marek Najbrt e Michaela Pavlátová. A *Negativ* foi ainda pioneira em trazer longas-metragens documentais de autor para os cinemas checos, assim como filmes experimentais e de animação.

A carreira de Petr Oukropec possui igualmente um carácter interdisciplinar, tendo sido três vezes nomeado director-geral da Quadrienal de Praga, uma importante mostra internacional de cenografia para teatro, e tendo estado envolvido no projecto Cem Anos da Orquestra Filarmónica Checa. Desde 2003 é também membro do corpo docente da escola de cinema FAMU, onde dirige o seu próprio seminário de produção.

Petr Oukropec começou a dedicar-se exclusivamente aos seus projectos de autor no início do milénio, depois de se mudar com a família para a pequena vila de Těchovice, na Boémia Ocidental, situada no sopé da região montanhosa de Šumava. Aí, no seu celeiro, estabeleceu uma companhia de teatro amador chamada Zmrzlík. Com o objectivo de apoiar a comunidade local, o projecto transformou-se num fenómeno cultural de grande sucesso e reconhecido fora da região. Actualmente, a companhia é composta por 100 membros e os seus espectáculos atraem audiências de mais de 3000 pessoas. Através do teatro, Oukropec conseguiu combinar as suas competências de organização com o seu trabalho de autor, começando por dedicar-se à encenação, prática que se revelou extremamente útil na realização dos seus filmes. Falando sobre a aventura de produzir os seus próprios projectos, o realizador afirma ter encontrado o seu público. *“Estou envolvido num projecto de teatro amador através do qual, durante 15 anos, sinto que tenho vindo a cultivar um público multigeracional que compreende a linguagem que incuto no projecto. Experimentei com vários géneros, trabalhando com actores, não-actores e crianças. De certa forma, o público deu-me confiança para fazer O Tigre Azul.”*¹

O realizador Petr Oukropec estreou-se em 2012 com o filme infantil **O Tigre Azul**. Este foi precedido e seguido de visionamentos sistemáticos e trabalho de produção na área dos filmes para crianças e jovens adultos. Apesar do seu sucesso, o realizador não se apressou a fazer outros filmes, continuando a dedicar-se a actividades de organização, teatro e ensino. O segundo filme de Oukropec, *In Your Dreams!*, estreou em 2016. Em colaboração com o argumentista Egon Tobiáš, o realizador desviou a sua atenção para a subcultura de adolescentes praticantes de parkour. Apesar de a forma ser diferente, o filme contém vários elementos narrativos semelhantes a **O Tigre Azul**. Novamente, a protagonista é extremamente independente, uma rapariga determinada com uma imaginação nitidamente desenvolvida, que luta contra a incompreensão dos que a rodeiam,

tendo dificuldade em distinguir entre a realidade e o sonho. O mais recente filme de Petr Oukropec teve a sua estreia mundial no Festival Internacional de Cinema de Berlim em 2016 na competição *Generation 14+*.



In Your Dreams! (Ani ve snu!, 2016, real. Petr Oukropec)

O FILME NO CONTEXTO DA OBRA

O LIVRO ORIGINAL

O livro *O Tigre Azul* foi publicado em 2004 pela Baobab, uma pequena editora alternativa destinada à literatura infantil, dirigida pelo casal Tereza e Juraj Horváth. Tereza Horváthová escreveu *O Tigre Azul* e Juraj Horváth, consagrado *designer* gráfico, ilustrador e professor checo, incutiu-lhe o seu estilo visual original. O livro foi recebido positivamente por críticos e leitores, sendo actualmente uma obra bastante conhecida da literatura infantil checa.

Ambos os autores pertencem à mesma geração de Petr Oukropec e também decidiram trocar a cidade pelo campo – os Horváth vivem na pitoresca cidade de Tábor, na Boémia do Sul, onde, na altura da produção do filme, educavam os cinco filhos pequenos. O seu estilo de vida familiar influenciou igualmente o argumento. Tendo pouco tempo livre, Tereza Horváthová demorou mais de quatro anos a escrever o livro, enfrentando novos constrangimentos temporais durante a escrita do argumento. Numa entrevista, a escritora recorda esse período: *“Quando Petr Oukropec percebeu que eu precisava de mais tempo, organizou um acampamento para os meus filhos. Graças a isso, consegui começar a escrever e estabelecer fundações. Também pedi ao meu marido que fizesse de babysitter... Petr e eu acabámos por terminar o argumento juntos.”*²

“No livro, Johanka surge intimamente ligada à leitura e aos livros e Tereza Horváthová não esconde o facto de a personagem ter sido fortemente influenciada pelas experiências de

¹ Miloš Kameník: Não quero fazer filmes puramente realistas. Entrevista com o realizador e produtor Petr Oukropec. *Film a doba – Special English Issue* 2016, p. 12-16.

² Josef Musil: Tereza Horváthová: Há um pouco de mim na Johanka de **O Tigre Azul**. Também fui esbofetada. *Táborský deník* 22.10.2011. Acessível online em [www: https://taboraky.denik.cz/kultura_region/horvathova-johanka-z-modreho-tygra20111020.html](https://taboraky.denik.cz/kultura_region/horvathova-johanka-z-modreho-tygra20111020.html).

uma infância passada sob o regime totalitário da Checoslováquia. “Por um lado sou eu, por outro lado recorri à minha imaginação para criar a personagem. Passei a minha infância nos livros. Não conseguia afastar-me deles. Era também um pouco estranha para os outros, na verdade. Sofri bastante pelo simples facto de ter de ir para a escola.” Olhando para trás, Tereza Horváthová explica também o motivo da bofetada que Johanka leva na escola, tanto no livro como no filme: “Fui, de facto, esbofetada. Pela funcionária da escola.”³



Ilustração – O jardim botânico no livro *The Blue Tiger*

DESENVOLVIMENTO DO PROJECTO

O filme difere do livro de várias maneiras. A narrativa torna-se mais simples e fácil de seguir. As notas do narrador nas margens da página desapareceram, assim como Fiškus Tuš, o filho maldoso. A conclusão também é fundamentalmente diferente. Contudo, o mais importante é o conceito global do qual se serviram os argumentistas, o realizador e o criador do estilo visual na mudança de suporte. O livro é um tributo à literatura infantil – a personagem principal é uma leitora apaixonada com uma poderosa imaginação estimulada pelo universo da literatura. Contém uma série de citações literárias e aproveita as sutilezas da linguagem escrita, permitindo que a história se liberte, esbatendo a fronteira entre sonho e realidade. Por esta razão, a forma de adaptação do material ao ecrã foi fundamental para a concepção do filme.

Tereza Horváthová escreveu sozinha a primeira versão do argumento, a colaboração com Petr Oukropec surgiu posteriormente. Juraj Horváth, ilustrador do livro e criador do conceito visual do filme, desempenhou também um papel crucial nesta fase. A diferença principal entre o livro e o filme é a troca de uma profunda reflexão literária por uma

componente visual forte e estilizada inspirada nos temas do livro. Esta mudança ocorre quer na história – por exemplo, no filme, o interesse de Johanka por literatura é atenuado em prol do seu gosto por desenhar – quer em termos formais. O filme joga com as cores e com a estilização visual da *mise-en-scène*, ao mesmo tempo que combina seqüências de imagem real com partes e elementos de animação.



A capa do livro e um plano do filme mostrando a colagem de um cartaz (0:33:30) remetem para o mesmo tema visual, a silhueta do tigre azul.

TÉCNICAS DE ANIMAÇÃO

A animação aparece no filme de imagem real, sobretudo, através das visões e sonhos de Johanka, assumindo vários formatos: desde animação tradicional até uma combinação de tradicional e digital, passando pela mais avançada animação digital 3D. No entanto, da mesma forma que a cidade antiga e o jardim botânico são celebrados na acção, o aspecto formal do filme presta homenagem às técnicas de animação tradicional. Apesar de a maior parte das secções de animação em **O Tigre Azul** terem sido criadas digitalmente, há um uso bastante evidente de técnicas que olham para o passado. Contrariamente, as técnicas mais modernas de efeitos especiais e a animação 3D foram utilizadas de forma discreta e moderada – por exemplo, na cor e nos efeitos de luz em torno do tigre, ou nos planos “realistas” das plantas a crescer na estufa.

A animação constitui uma das camadas da configuração do filme. A animação tradicional foi utilizada num plano que pode considerar-se um tributo aos primórdios da animação. Johanka está a folhear um caderno com desenhos seus. Primeiro, experimenta o efeito de animar a boca do tigre através de um taumatrópio, rodando rapidamente uma folha de papel. Nas duas páginas seguintes, surge um pequeno truque de animação tradicional com o tigre e o autarca Rýp, cuja cara é substituída por uma fotografia animada. Noutras instâncias do filme, encontramos também animação digital em *stop-motion* – por exemplo, na carteira da escola, aparece um desenho do tigre a bocejar. Muitas vezes, utilizam-se técnicas digitais para combinar desenhos feitos à mão com cenas de imagem real (a funcionária da escola, o banho nas piscinas municipais, o ataque ao presidente da câmara).

³ Ibid.

Outro grupo de cenas animadas utiliza a antiga técnica da animação de recortes. As sequências dos sonhos de Johanka com o tigre, a pintura da ilha e a silhueta do tigre recuperado correndo pelo jardim botânico, aproximam-se bastante do estilo de ilustrações presentes no livro. A animação de recortes, apesar de, neste caso, ser criada digitalmente, remete também para a longa tradição de filmes baseados nesta técnica – particularmente para o trabalho da animadora alemã Lotte Reiniger que, a partir dos anos 1910 e inspirada pela técnica oriental do teatro de sombras, começou a trabalhar com recortes de silhuetas em papel (ver **Actividades Pedagógicas – Animação de figuras**, pág. 29).



Ilustração – Animação tradicional no filme *The Blue Tiger* (0:27:53-0:28:13)

FILMOGRAFIA SELECIONADA

PRODUÇÃO (frequentemente em colaboração com Pavel Strnad)

Indian Summer (*Indiánské léto*, 1995; real. Saša Gedeon)

Whisper (*Šeptej*, 1996; real. David Ondříček)

The Idiot Returns (*Návrat idiota*, 1999; real. Saša Gedeon)

Who Will Watch the Watchman? Dalibor, or the Key for Uncle Tom's Cabin (*Kdo bude hlídat hlídače? Dalibor aneb Klíč k Chaloupce strýčka Toma*, 2002; real. Karel Vachek)

Professor de Província (*Venkovský učitel*, 2008; real. Bohdan Sláma)

Night Owls (*Děti noci*, 2008; real. Michaela Pavlátová)

Ivetka and the Mountain (*Ivetka a hora*, 2008; real. Vít Janeček)

Four Suns (*Čtyři slunce*, 2012; real. Bohdan Sláma)

Miracle (*Zázrak*, 2013; real. Juraj Lehotský)

REALIZAÇÃO

The Blue Tiger (*Modrý tygr*, 2012)

In Your Dreams! (*Ani ve snu!*, 2016)

INSPIRAÇÕES

O filme **O Tigre Azul** contém vários elementos formais e temáticos que remetem para outras obras do cinema checo e eslovaco, assim como técnicas populares utilizadas em jogos e frequentemente reproduzidas na internet. Eis alguns exemplos.

PROTAGONISTAS INFANTIS QUE SE DEFINEM RELATIVAMENTE AO MUNDO E A AMIGOS SOBRENATURAIS

- 1 – *O Balão Vermelho* (*Le ballon rouge*, 1956, real. Albert Lamorisse)
- 2 – *Lucy, the Menace of the Street* (*Lucie, postrach ulice*, 1984, real. Jindřich Polák)
- 3 – **O Tigre Azul** (*Modrý tygr*, 2012, real. Petr Oukropec)

RECONHECIMENTO DA TRADIÇÃO DA ANIMAÇÃO DE RECORTES

- 4 – *As Aventuras do Príncipe Achmed* (*Die Abenteuer des Prinzen Achmed*, 1926, real. Lotte Reiniger)
- 5 – **O Tigre Azul** (*Modrý tygr*, 2012, real. Petr Oukropec)
- 6 – *The Sorcerer's Apprentice* (*Čarodějův učeň*, 1977, real. Karel Zeman)
- 7 – **O Tigre Azul** (*Modrý tygr*, 2012, real. Petr Oukropec)

A MAGIA DAS REACÇÕES EM CADEIA

- 8 – *The Way Things Go* (*Der Lauf der Dinge*, 1987, real. Peter Fischli, David Weiss)
- 9 – **AMAZING!!! Chain Reactions** (vídeo do YouTube, 2017)
- 10 – **O Tigre Azul** (*Modrý tygr*, 2012, real. Petr Oukropec)

PROTAGONISTAS INFANTIS



1



2



3

ANIMAÇÃO DE RECORTES



4



5



6

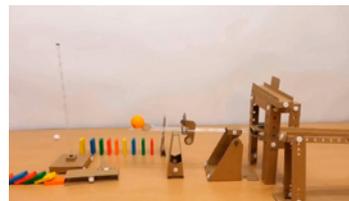


7

REACÇÕES EM CADEIA



8



9



10

TESTEMUNHOS

DA ENTREVISTA DE MILOŠ KAMENÍK A PETR OUKROPEC PARA A REVISTA FILM A DOBA⁴

Sobre aprender a ser realizador

*O realizador Saša Gedeon e eu fizemos a escola de cinema juntos; acompanhei todo o seu percurso desde a FAMU até à realização. O mesmo aconteceu com Bohdan Sláma, que, ainda por cima, supervisionou o meu trabalho de realizador em **O Tigre Azul**. É uma arte que se aprende observando o trabalho dos outros, à medida que vamos percebendo a nossa linguagem. A escolha de um colaborador próximo é também algo que, até certo ponto, determina o tipo de pressão a que nos sujeitamos, pois, eles tentam obter o melhor de nós. Por exemplo, podemos apurar o nosso sentido visual através de discussões com o director de fotografia.*

Sobre os filmes infantis e juvenis

A minha família e os meus filhos são muito importantes. Sinto a necessidade de ser compreendido por eles, que eles compreendam o que faço. Nunca tive a ambição de fazer cinema para adultos, de competir com os autores que admiro. Busco igualmente o princípio da pureza interior e liberdade que as crianças possuem, os conflitos inerentes ao crescimento, as histórias das primeiras mágoas – para mim, representam os momentos mais importantes na formação do ser humano. Creio que, apesar de as histórias serem sempre semelhantes na sua essência, faz sentido revisitá-las em qualquer idade. Penso que compreendo as personagens infantis. Respeito-as e quero elevá-las ao patamar dos protagonistas adultos. [...] A era dourada do cinema infantil checo é indissociável de uma literatura infantil excepcional. Havia mais livros nessa altura. A literatura checa contemporânea é ainda reconhecida internacionalmente, mas, os livros infantis são maioritariamente contos ilustrados para os leitores mais novos. Histórias dramáticas contemporâneas complexas dirigidas aos jovens não são muito frequentes. Inicialmente, alguns autores não podiam escrever para um público adulto, o que os conduziu aos filmes infantis. Actualmente, a situação é mais complexa.

Sobre **O Tigre Azul**

*Procuro sempre um protagonista que chame a atenção, que seja um veículo de algo que eu considere importante e transmita uma certa tensão. Este é o aspecto fundamental, mas há muitos mais. Para mim, é bastante difícil escolher o tema certo. [...] Nunca quis fazer filmes puramente realistas. Em **O Tigre Azul**, a animação e a fantasia são instrumentos da rebeldia da infância, contrabalançando a impossibilidade de revolta contra condições externas – a situação de despejo e o facto de que algo nocivo está a acontecer à família. [...] Mesmo as peças de teatro que produzi eram visuais. Sou também responsável pela cenografia, escolhendo sempre um princípio cenográfico sobre o qual basear a produção. Geralmente, o figurinista acrescenta um toque visual complementar, ainda que sob a minha orientação. No entanto, estou disponível para ideias que acrescentem o valor de cada um. [...] Em **O Tigre Azul** foi diferente, o próprio livro é visual.*

Juraj Horváth é um ilustrador genial e eu queria ser capaz de transpor para o filme o imaginário original do livro.

DA ENTREVISTA DE TEREZA CZ DVOŘÁKOVÁ A PETR OUKROPEC PARA O CINED⁵

Sobre inspirações iniciais

Nunca segui nenhum modelo ou exemplo particular de realizador, apesar de, naturalmente, ter os meus favoritos: Jiří Trnka, Wes Anderson, Michel Gondry e muitos outros. Porém, estudei aprofundadamente os argumentos de Ota Hofman, comparando-os com a literatura original e analisando as diferenças entre os argumentos literários e técnicos, etc. Apercebi-me da enorme importância de Ota Hofman – enquanto dramaturgo, argumentista e escritor ideal – para o cinema infantil checo. Actualmente é possível fazer filmes a partir dos seus argumentos, porque a sua linguagem é absolutamente contemporânea e pessoal. Hofman está do lado das crianças. Ele não recorre a caricaturas, não ridiculariza nem simplifica. A sua obra revela uma compreensão do espírito infantil, assim como uma consciência de todos os seus segredos. Em Ota Hofman, a estrutura dramática é sempre completamente funcional. Admiro realmente a sua obra. Acima de tudo, encontro uma inspiração única e concreta para o meu trabalho na sua serenidade e jovialidade.

O universo do filme e a história

*O universo de um filme para crianças deve ser criado de forma simples e divertida. O estilo gráfico constitui a base – uma abordagem pictórica estabelece a ligação entre o universo das crianças e o cinema, uma vez que a linguagem cinematográfica se serve da imagem como instrumento essencial de expressão. O excesso de elementos kitsch, sobretudo nos filmes de animação contemporâneos, é um aspecto raro no cinema de animação da República Checa, devido à sua forte tradição autoral. Essa tradição persiste também na literatura, mas começa a desaparecer nas obras de imagem real. Esta é mais uma das razões porque escolhi este caminho. O livro **O Tigre Azul** funciona como um mosaico. Mas, para o filme, tornou-se necessário fortalecer a narrativa principal. Voluntária e conscientemente, escolhi recorrer à estilização, através da qual o mundo dos adultos, a personagem de Rýp e todos os que o rodeiam, são caricaturados e exagerados. Em contrapartida, as crianças são retratadas como seres normais, naturais, vivos. Os temas subversivos, relacionados com o contributo autobiográfico de Tereza Horváthová, são desde logo bastante fortes no livro. Em paralelo com as suas memórias de infância, Tereza Horváthová travou uma batalha interna no livro com um antigo colega que, na altura, era presidente da câmara de Praga. O filme conta a história de Johanka, uma jovem rapariga que não quer perder a sua liberdade. O modo como a personagem resiste pretende ser inspirador.*

⁴ Miloš Kameník: Não quero fazer filmes puramente realistas. Entrevista com o realizador e produtor Petr Oukropec. *Film a doba – Special English Issue* 2016, p. 12-16.

⁵ Entrevista realizada em Praga a 05.03.2018.

CAPÍTULOS DO FILME

Nota: Os capítulos não correspondem a descrições das cenas, sendo que a maioria dos capítulos abrange várias cenas.



1 – Genérico e ilha animada (00:00).



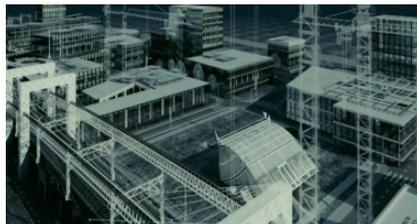
2 – Manhã no jardim botânico. Johanka e Matyáš encontram-se na estufa. O pai de Matyáš, botânico, e a mãe de Johanka, caixa e empregada de limpeza, falam um com o outro em tom de discussão (00:30).



3 – Enquanto caminham por um velho bairro junto ao viaduto ferroviário, as crianças vão contando animais. O carro do presidente da câmara passa pelo bairro de forma arrogante, quase atropelando um cão. A cruel funcionária da escola olha rapidamente para os seus pequenos cães (04:08).



4 – Johanka não está a usar o calçado de interior obrigatório. A funcionária confisca-lhe o calçado de exterior, forçando-a a ir descalça para a aula. Os alunos estão a ter uma aula sobre flores, vê-se que não sabem muito. Matyáš é o único que sabe a matéria. O professor confisca os equipamentos electrónicos e telemóveis para que os alunos prestem atenção. Johanka continua distraída, lendo e desenhando (06:18).



5 – O presidente da câmara mostra às crianças um esquema da requalificação do bairro. As crianças descobrem que o jardim também será demolido (8:51).



6 – Johanka e Matyáš fogem da escola e descobrem umas antigas piscinas municipais. Enquanto Johanka brinca, a ilha animada do genérico inicial ganha vida na parede. Mas, só ela consegue vê-la (11:41).



7 – Johanka fala com a mãe sobre as suas visões e a fuga da escola. No seu sonho animado, o tigre azul navega pelo viaduto numa banheira, dentro da piscina municipal (13:35).



8 – Os colegas de Johanka roubam-lhe o calçado de interior. O conflito com a funcionária intensifica-se, culminando com Johanka a ser esbofetada. Começa a sangrar do nariz e vê a silhueta de um tigre no tecto (15:33).



9 – O tigre provoca um engarrafamento junto ao viaduto e o primeiro cão desaparece em plena rua (18:14).



10 – O presidente da câmara inspeciona o jardim e as crianças imaginam várias formas de vingança. Durante uma aula de botânica na estufa, o professor explica que a existência de um tigre azul é possível (20:53).



11 – O presidente da câmara encontra o tigre azul, ainda uma cria, e apercebe-se de que a presença de um animal perigoso pode trazer benefícios (26:36).



12 – Durante uma discussão sobre a bofetada entre a mãe de Johanka e a funcionária, os cães desta desaparecem. O pânico instala-se na zona. Desaparecem outros cães e as pessoas começam até a ter medo de gatinhos (27:52).



13 – As crianças procuram o tigre. Ao ser ferido pelo carro do autarca, esconde-se no jardim botânico (33:19).



14 – Johanka encontra o tigre e chama Matyáš e a mãe. Ela acredita que as plantas medicinais irão ajudá-lo a recuperar. O município decide antecipar a demolição do velho bairro. O tigre azul animado aparece novamente nos sonhos de Johanka – passando pelo viaduto, fura uma nuvem com o ponteiro de um relógio, fazendo chover (38:36).



15 – O jardim recebe uma ordem do município para ser transferido. O tigre está doente e não come. O pai destrói o rádio ao ouvir o presidente da câmara falar sobre a requalificação. A imprensa critica o autarca por causa do tigre e este ordena a Kráčmera que cace o animal (47:19).



16 – O tigre recupera durante a noite e realiza um milagre. De manhã, a estufa parece uma selva coberta de flores azuis. O pai e o professor examinam as plantas novas. Os jornais escrevem sobre o jardim e todos acorrem a vê-lo (54:38).



17 – Os colegas não são os únicos a pensar que o tigre pode estar no jardim. Kráčmera também o procura ali, encontrando-o finalmente. O pai depara-se com o tigre e o animal exerce um efeito milagroso sobre si – os problemas de comunicação com a mãe de Johanka são ultrapassados e ela convida todos para jantar (01:01:03).



18 – A filha de Kráčmera descobre o tigre azul e fica encantada. Por insistência da filha, Kráčmera caça e apanha o tigre. Matyáš e Johanka seguem-no até um velho edifício. Johanka fica de guarda enquanto Matyáš vai pedir ajuda (01:09:10).



19 – Kráčmera e o presidente da câmara prendem o tigre numa jaula dentro da sala onde estão também os cães desaparecidos. Johanka é descoberta, mas os pais chegam e libertam-na. O tigre azul desaparece no escuro da jaula. A polícia e uma equipa de TV denunciam as acções do presidente da câmara (01:14:17).



20 – Os habitantes do jardim mudam-se para as piscinas municipais. Matyáš e a mãe também vêm a pintura na parede. Os quatro navegam em direcção à ilha. Johanka desembarca e saúda o tigre, agora adulto, que emerge da selva. O genérico final aparece no céu sobre a ilha (01:18:22-01:27:33).

QUESTÕES DE CINEMA

TIGRE ESCONDIDO – TIGRE REVELADO

O tigre esconde-se e revela-se. Esta transformação é frequentemente reforçada por uma mudança no estilo visual e fílmico dos planos e das cenas. O tigre azul possui um carácter tão particular, que os seus criadores puderam dar-se ao luxo de experimentar. Além disso, o princípio da transformação é uma referência à natureza literária e reflexiva do livro em que o filme se baseia – não apresentando aos leitores uma ideia concreta da aparência do tigre, está a estimular a sua imaginação.

O **Tigre Azul** é um símbolo de liberdade e imaginação, sendo a característica principal do tigre o seu carácter evasivo e mutante, graficamente ilustrado através destes exemplos:

- O animal favorito dos desenhos da imaginação de Johanka começa a mover-se perante os seus olhos, mas também perante os dos espectadores – o tigre é capaz de bocejar e de se mover. As outras personagens não se apercebem.
- O tigre entra várias vezes nos sonhos de Johanka como imagem onírica, visualmente estilizado e antropomorfizado, andando sobre duas patas, como um guia calmo e sábio. O espectador pode associar estas cenas ao pai desaparecido de Johanka.
- A seguir ao conflito e à bofetada da funcionária da escola, é como se o *status quo* de Johanka e do mundo tivesse sido perturbado. O tigre, inicialmente visto apenas pelos espectadores, transforma-se numa entidade também visível para os outros. Contudo, ainda não sabemos de que se trata. O tigre deriva de uma sombra no tecto e escapa pela janela.
- As pessoas têm medo. Diz-se que anda um enorme tigre azul, um predador, percorrendo a cidade, embora não se saiba exactamente o que é ou como é. A tensão patente na música que acompanha a sombra do grande felino pelas ruas do velho bairro desperta a nossa imaginação (**imagem 1**), assim como os cartazes azuis e brancos onde figura a sua silhueta e que oferecem uma recompensa pela sua captura.
- As expectativas do espectador são frustradas. O perigoso felino é “na realidade” apenas uma cria de tigre. Adorável, pacífico, e perdido na cidade, apesar de claramente especial e fascinante (**imagem 2**).
- Apercebemo-nos várias vezes da presença do tigre através do seu ponto de vista subjectivo. Uma objectiva grande-angular distorce a imagem, exagerando a realidade (o que está perto fica mais perto, o distante ainda mais longe). Os planos são executados com a câmara baixa e em ritmo acelerado.
- Assim que o espectador descobre o tigre, este começa a esconder-se de outra forma. O jardim botânico, onde o animal se refugia, serve tanto de refúgio como de esconderijo. Não é por acaso que o jardim se torna cada vez mais azul e selvagem, camuflando o tigre.
- Quando o tigre é descoberto e está prestes a ser libertado, desaparece na penumbra (**imagem 3**). O que, à partida, parece ser um afastamento da luz, acaba por ser o abandono permanente do mundo de Johanka.

- Na cena final, o tigre muda de forma pela última vez, emergindo da densa vegetação da ilha e saudando Johanka com o olhar. Está diferente – imenso, forte, confiante: um fascinante animal selvagem numa natureza privada de civilização (**imagem 4**).
- O tigre é uma criatura felina e estas necessitam de ser invisíveis no meio da natureza. É uma criatura da noite e, por isso, muitas das importantes mudanças da acção ocorrem durante a noite. Quando o tigre se esconde no jardim botânico é de noite. Ainda não temos a certeza da sua forma, mas vamos explorando o solo do jardim botânico a partir da sua perspectiva. Saltamos com ele até à beira de um lago e espreitamos. Segue-se um corte imperceptível, mas, o espectador tem a sensação de que verá o seu próprio reflexo na água. Em vez disso, vê o tigre (**imagem 5**). O tigre não parece perigoso. Bebe água porque está com sede. A mudança de uma atmosfera tensa a descontraída é reforçada pelo tema musical.



1



2



3



4



5

A IMPORTÂNCIA DA COR NA NARRATIVA DO FILME

Nos filmes, as cores desempenham uma função estética fundamental, mas também servem para exprimir ou acentuar atmosferas e sensações. Isto diz respeito a cores naturais (mesmo se a cor da cena não corresponder à da personagem diante da câmara) ou alteradas artificialmente – excessivamente saturadas, discretas ou com uma única tonalidade.⁶ Desde os primórdios do cinema que a cor está associada à atracção ou ao ilusionismo cinematográfico, tendo sido bastante utilizada nos primeiros filmes, e maravilhosamente empregada por Georges Méliès. A coloração de cenas com determinadas cores observa convenções que facilitam a compreensão da acção, reforçando também a atmosfera.

- As convenções de coloração funcionam como as cores na composição das cenas, enquanto elementos metafóricos e simbólicos que ajudam a dar forma à história. Entre os cineastas mais conhecidos por tirarem partido do potencial da cor está o realizador russo Sergei Eisenstein, que começou a experimentar com a cor no seu famoso filme a preto-e-branco *O Couraçado Potemkine*, no qual coloriu uma bandeira de vermelho para enfatizar a importância desse símbolo político e reforçar o impacto emocional da cena (**imagem 6**). Anos depois, Steven Spielberg serviu-se da cor de modo semelhante no filme a preto-e-branco *A Lista de Schindler*. Na cena do massacre nazi no gueto de Cracóvia, o realizador coloriu de vermelho o casaco de uma menina, atraindo a atenção dos espectadores para o abandono e a fuga, e sublinhando simbolicamente o tema da criança indefesa perante a ameaça do Holocausto (**imagem 7**).



6



7

Uma série de filmes de cariz cultural popular evidencia um nível de interpretação ainda mais directo. Um exemplo famoso é *Marnie*, de Alfred Hitchcock, no qual a cor vermelha é inequivocamente utilizada como sinal e estímulo do distúrbio mental da protagonista, assim como metáfora psicanalítica da sua sexualidade perturbada. Numa cena em que se vê um frasco de tinta vermelha, a cor dos planos é reduzida a tons de cinzento, fazendo com que uma gota de tinta numa blusa branca pareça ainda mais evidente, o

⁶ A cor no cinema é um tema abordado aprofundadamente pelo projecto educativo da Cinemateca Francesa “Le Cinéma, cent ans de jeunesse” <http://www.cinematheque.fr/cinema100ansdejeunesse/en/cinema-questions/all-the-questions/colour/ressources.html> (acedido em 20.06.2018, em inglês e francês).



8



9

que despoleta o ataque de pânico da protagonista (**imagens 8 e 9**).

No épico de Tarantino *Kill Bill – A Vingança*, a heroína surge associada à cor amarela. O seu macacão amarelo é uma referência directa ao filme *O Último Combate de Bruce Lee*, do lendário herói de acção e artes marciais, que morreu durante a rodagem. O amarelo é a cor do sol poente, remetendo para a tradição oriental, mas é também um símbolo da ansiedade e má sorte, assim como do desequilíbrio e loucura da protagonista. Por último, há neste filme um excelente aproveitamento da função estética da cor amarela, criando uma elegante combinação com o vermelho (sangue) e o preto. O amarelo foi compreensivelmente utilizado como a cor da promoção e campanha publicitária do filme (**imagem 10**). Encontram-se vários exemplos semelhantes na história do cinema.



10

Os criadores de **O Tigre Azul** – com a consciência de um contexto mais alargado – utilizam a cor enquanto elemento que dá forma à história, criando tonalidades particulares com significados próprios. A personagem do tigre azul e o jardim botânico, tal como as sequências animadas dos sonhos, estão relacionados

com as cores azul e verde, que podem ser interpretadas como as cores da natureza, das plantas e do céu. Matyáš e o seu pai surgem principalmente associados ao azul claro e ao caqui, correspondendo à sua relação com a natureza. O velho bairro e a escola são predominantemente multicolor, com destaque para os tons quentes, referindo-se à diversidade e nível de empatia do meio urbano. O universo do presidente da câmara e da sua equipa é criteriosamente desprovido de cor – em preto, branco e tons de cinzento (**imagem 12**). Percebemos que o autarca é um homem sem escrúpulos ou afectos e que o novo bairro é um lugar carente de emoção e humanidade. Desde o início, o vermelho e os tons amarelos prevaecem no vestuário e na casa da protagonista feminina Johanka e da sua mãe (**imagem**

11). Contudo, gradualmente, as personagens começam a usar tons de azul. Na cena final, as quatro personagens envergam ricas tonalidades de azul e partem para o mundo da pintura de cores azuis-esverdeadas (**imagem 13**). Finalmente libertas do mundo imperfeito do quotidiano urbano, adoptam o país encantado do tigre azul e o mundo perfeito da natureza.

Paralelamente às mudanças na cor do vestuário dos residentes e no verde intenso das plantas, toda a coloração do filme muda suavemente, de tons quentes a tons frios (diferença entre as **imagens 11 e 13**).

VELHO E NOVO



11



12



13

Apesar de a acção de **O Tigre Azul** se passar no passado recente, a dramaturgia do filme foi consideravelmente inspirada por uma forte tradição de cinema checo para crianças e para toda a família dos anos 1970 e 1980. A história é mais lenta e menos dependente da acção do que é habitual nos filmes contemporâneos para crianças em idade escolar. É dada especial relevância à atmosfera, mas também a uma caracterização distinta dos protagonistas do filme, mesmo correndo o risco de defini-los por oposição ao que os rodeia.

Como tema central da narrativa, o conflito entre velho e novo reflecte-se também na abordagem à utilização dos meios de expressão. A *mise-en-scène* combina elementos *rétro* e novos de forma criteriosa. O mundo do jardim botânico é antiquado, aludindo à viragem para o século XX (**imagem 14**). A maioria dos objectos e edifícios do jardim estão desgastados e danificados. O vestuário dos seus habitantes é também *rétro*. O bairro antigo é caracterizado como uma zona entre o velho e o novo – as ruas junto do velho viaduto ferroviário não estão bem conservadas, mas possuem alguns elementos

modernos (**imagem 15**). A escola é estilo *art nouveau* no exterior e modernista no interior. Os carros que vemos andam na estrada há já várias décadas. Em contraste com o velho, surge, como uma visão, o novo bairro, limpo, bem delineado e seguro, ao mesmo tempo que é homogéneo, desumano e desprovido de cor.

O contraste entre velho e novo influencia a escolha dos planos. O velho mundo é retratado como o mundo familiar da infância (particularmente dos cineastas, que nasceram na primeira metade dos anos 1970) e da vida pessoal: podemos visitar as casas das crianças e todos os recantos do jardim botânico (**imagem 16**). Em contrapartida, nunca vemos totalmente o novo bairro, apenas fragmentos – partes de edifícios novos e um local de construção (**imagem 17**). Este ponto de vista impede a identificação do espectador com um lugar que deve ser percebido através do olhar dos heróis, ou seja, como um espaço hostil e estranho.

A essência antiquada de **O Tigre Azul** foi uma grande inspiração para o desenvolvimento do seu estilo visual e para o uso de determinadas técnicas de animação que enfatizam métodos de produção mais antigos e tradicionais. A animação surge apenas no jardim botânico e no velho bairro, mas não no novo. Alguns planos incluem animação tradicional. Não obstante, a maior parte da animação do filme foi elaborada digitalmente, embora seguindo uma estética tradicional. A animação digital mais acentuada foi utilizada moderada e discretamente (ver **Técnicas de animação**, pág. 8). Adoptou-se uma abordagem semelhante relativamente à utilização abundante de música, predominando os sons dos metais e das cordas acompanhando efeitos analógicos – sons mecânicos e da natureza. Ao mesmo tempo que a pós-produção musical se serve de tecnologia digital, presta também homenagem ao som clássico.



14



15



16



17

ANÁLISE DE UM FOTOGRAMA

JOHANKA SOBRE A AREIA

(Capítulo 6 - 0:11:50)

Contexto: Johanka e Matyáš fogem da escola depois de descobrirem o plano de demolição do velho bairro. No caminho, encontram um monte de areia no pátio de um prédio de apartamentos. É evidentemente um local de construção abandonado. As crianças deitam-se na areia. Enquanto Matyáš sugere que regressem à escola, Johanka, fascinada, observa os pássaros a voar no espaço entre os edifícios. Segue-se uma cena nas piscinas municipais, que começa com um plano lento do telhado de vidro sobre o qual sobrevoam as silhuetas e o chilrear dos pássaros.

Descrição: A cena é captada num plano americano (escala de plano que enquadra a personagem dos joelhos para cima). Vemos uma criança – Johanka – deitada sobre a areia. É como se estivesse deitada de cabeça para baixo, surpreendendo o espectador. Os tons quentes – tonalidades de castanho, ocre e vermelho – predominam (ver **Questões de cinema – Transformação das cores**, pág. 15). A luz suave e os tons delicados em redor da personagem reforçam a noção de que se trata de um plano exterior. O elemento dominante é a linha diagonal que vai desde o canto superior esquerdo até ao canto inferior direito. A composição do plano, em formato de ecrã panorâmico, tem um rácio de 1:1.85, utilizando a proporção áurea de forma intuitiva e elegante. A câmara estabelece uma visão geral, praticamente do ponto de vista de um observador desinteressado. Por vezes, o ângulo é mais baixo, por exemplo, ao nível do monte de areia. Johanka está deitada e a sua posição transmite uma sensação de tranquilidade. A direcção do seu olhar cria outra diagonal imaginária, desta vez desde o canto inferior esquerdo até ao canto superior direito. Imediatamente, a rapariga suscita o interesse do espectador. O relógio desenhado no seu pulso e a bolsa contendo um velho caderno e alguns lápis de cor sugerem que é criativa e gosta de desenhar. No entanto,



a imagem em si revela muito pouco sobre onde e porque está deitada, dando azo à imaginação do espectador.

Naturalidade

Deitada sobre a areia, a criança age com naturalidade, apesar de não ser prático nem higiénico. Nesta cena, Johanka encontra-se intimamente ligada à terra e à natureza, mesmo estando no meio da civilização. As suas mãos tocam afincadamente na areia (ver **Temas fundamentais – Natureza e animais**, pág. 5). Quem não conhece o filme poderia imaginar que a personagem está deitada sobre uma duna de areia no meio da natureza virgem, por exemplo. A naturalidade da atitude de Johanka está igualmente ligada à sua liberdade. Uma mentalidade independente, um vestuário desligado dos ideais da roupa de marca, um livro de exercícios, e lápis de cor em vez de um telemóvel – este conjunto de características demonstra que a personagem vive de acordo com as suas próprias regras e não sucumbe às pressões do meio em que se insere.

Abrandamento

Esta cena tem um impacto calmante no espectador, não sugerindo que as crianças acabaram de fugir da escola num acto de rebeldia. Johanka não se deixou dominar pelo pânico, mas libertou-se da realidade, suspendendo-a. A sua concentração no momento presente é um factor fundamental neste plano e em toda a cena. O espectador experimenta uma sensação de segurança e contemplação. O olhar de Johanka está fora de campo, criando uma sensação de confidencialidade. Não sabemos o que ela está a ver. Ao mesmo tempo que mantém o olhar (a mente?) fora de campo, permanece muito presente fisicamente, unida à areia. O olhar de Johanka pode ser interpretado de várias maneiras. Pode parecer casual – é possível que esteja apenas a olhar para algo que lhe chamou a atenção. É igualmente possível que o seu olhar simbolize a fuga para o mundo dos sonhos, a sua imensa vida interior. Podemos ainda interpretá-lo como uma expressão de provocação.

ANÁLISE DE UM PLANO

DESTRUIÇÃO DE UMA GRUA

(Capítulo 10 - 0:24:57-0:25:25)

Contexto: O autarca Rýp visita o jardim botânico, onde, apesar da reprovação dos seus habitantes, ocorre a reunião com o arquitecto. As crianças imaginam como livrar-se do autarca. As suas ideias tornam-se visíveis através de uma animação que imita desenhos de criança (ver **Inspirações – Reacções em cadeia**, pág. 10). Mas, no final, o presidente da câmara vai-se embora tranquilamente. A seguir, há uma curta cena em que o vemos com uma equipa de TV num dos novos locais de construção. A câmara acompanha os acontecimentos a partir de um ângulo baixo, em contrapicado. O céu e duas gruas são elementos fundamentais nestes planos.

Descrição. O plano é muito simples e dura apenas dez segundos, mas é difícil determinar a sua escala. O que se vê da janela está bastante distante – trata-se de um plano amplo. Vê-se um pouco da janela. No meio do plano está uma grua, ao longe, por trás de uma linha de caminho-de-ferro cuja existência se depreende através das colunas e linhas eléctricas. Mais perto, junto ao caminho-de-ferro, notamos a proximidade da vegetação devido à presença de três frondosos ramos. Observamos a paisagem com a câmara no interior, a partir de uma janela velha. O vidro foi mal colocado; ao longo de duas barras verticais podem ver-se manchas de massa ou tinta. O caixilho da janela enquadra a parte inferior do plano, dividindo o enquadramento em três secções. A câmara está fixa e mostra a grua, cuja lança se move lentamente (**imagem 1**). Apesar da enorme distância entre o enquadramento e o objecto captado, ouvem-se claramente os sons metálicos da máquina. A banda sonora, que continua desde o plano anterior, é ainda animada pelo chilrear subtil dos pássaros. Passados cinco segundos, a cena corta para outro plano, que mostra a cara de Johanka (**imagem 2**). Isto revela que o ponto de vista do plano anterior corresponde à sua visão subjectiva sobre a construção, provavelmente a partir do jardim botânico. Voltamos novamente ao plano da grua. A rapariga estende a mão na sua direcção, parecendo medi-la entre o polegar e o indicador e brincando com a perspectiva, pois, a distante grua parece caber entre os seus dedos. O que surge em primeiro plano está desfocado (**imagem 3**). Dá-se um momento inesperado, o jogo das perspectivas entra na realidade do mundo de Johanka. A câmara foca rapidamente



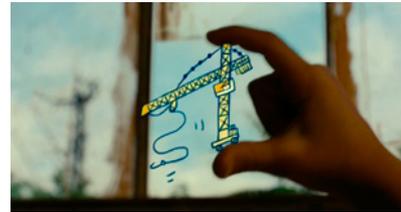
1



2



3



4



5



6

o que está em primeiro plano, a grua desaparece no horizonte e uma pequena grua animada, incluindo o operador na cabine, aparece na mão de Johanka. Trata-se do mesmo tipo de estilização infantil utilizada na cena anterior, nos ataques imaginários a Rýp (**imagem 4**). Um efeito sonoro discreto evidenciando o carácter divertido da situação surge misturado com os sons das obras. A grua na mão de Johanka agita-se de um modo “nervoso”. Johanka move a mão ligeiramente para cima e para baixo e aproxima-a da câmara. A grua reage com um movimento brusco da lança e dobra-se, enfatizando a sua impotência (**imagens 4 e 5**). A brincadeira chega ao fim. O plano seguinte corta para a cara de Johanka; a rapariga esmaga lentamente a grua entre os dedos (o operador animado consegue fugir) e sorri (**imagem 6**).

Protesto poético

O plano é calmo e composto de forma simples, com a câmara fixa. Tal como o fotograma analisado (ver **Análise de um fotograma**, pág. 17), este plano também não transmite uma sensação de tensão ou nervosismo relativamente ao conflito entre o amor que Johanka nutre pelo velho jardim botânico e a decisão do autarca de construir um bairro novo. Observamos a grua – um símbolo que sugere a requalificação – através do vidro, na segurança da casa de Johanka. A rapariga protesta contra a situação de uma forma pacífica e que se desenrola principalmente na sua imaginação. O modo como captura e destrói a grua é altamente original, criativo e divertido. O espectador tem noção de que isto não acontece na realidade da história, mas no mundo imaginário da protagonista. À primeira vista, este protesto poético e passivo não altera grande coisa. Por outro lado, trata-se de uma experiência formativa manifestamente forte que, sem dúvida, pode provocar consequências na vida real da criança. Todos conhecem a famosa frase do bater de asas de uma borboleta no Brasil que pode causar um tornado no Texas. A consciência das relações entre as coisas é fundamental para compreendermos as personagens positivas da história, por oposição à personagem do autarca Rýp, que é caracterizado por uma visão limitada, ignorando muitos aspectos do mundo. Na sua luta contra a construção iminente de um novo bairro, Johanka tem o apoio da sua imaginação e dos métodos tradicionais de animação, utilizados muitas vezes no filme. A extraordinária técnica das montagens dentro do plano, alterando o foco de uma personagem para outra, começou a ser usado sistematicamente nos anos 1940. Muitas vezes, o filme **O Tigre Azul** regressa a técnicas cinematográficas bastante primitivas e básicas, seguindo a tradição dos antigos filmes infantis de animação.

ANÁLISE DE UMA SEQUÊNCIA

A BOFETADA

(Capítulo 8 - 15:33-18:15)

Contexto: A sequência é precedida por três cenas nas quais as visões de Johanka se intensificam. Johanka vê uma ilha em movimento nas antigas piscinas municipais. À noite, ao falar com a mãe, desenha, com uma caneta azul, um tigre a bocejar. No final, uma breve sequência de um sonho mostra o tigre antropomorfizado flutuando pelo viaduto ferroviário numa banheira das piscinas municipais. A cena seguinte é crucial, tanto para o filme como para o livro em que este se baseia. No momento em que a violência contra Johanka perturba o equilíbrio entre o mundo da imaginação e a realidade, a história torna-se um conto de fadas. Contudo, é apenas na cena a seguir a esta sequência que percebemos que o tigre não surge apenas na imaginação da rapariga, mas perante os habitantes da cidade.

Descrição: Estamos numa escola. Johanka está sentada na sanita a ler. Ouvimos pessoas a aproximarem-se. O segundo plano é picado (**imagem 1**) – a câmara alterna entre o cubículo e o espaço comum da velha casa de banho. Um raio de luz incide sobre o chão de pedra. Os colegas estão a brincar com o sapato de Johanka e a gozar com ela. Voltamos à protagonista, que fecha o livro e escuta, concentrada. A sua expressão não revela se ela encara a situação (não muito diferente do *bullying*) de forma nervosa, ou se não tem qualquer efeito nela. A câmara surge novamente picada sobre as casas de banho. Percebemos que Johanka está na casa de banho dos rapazes e que estes ameaçam não deixá-la sair. A campainha toca e eles vão para a aula. Sob o som do toque, há ainda crianças a brincar no corredor, mas a austera funcionária da escola afugenta-os. A seguir, um plano com mais de vinte segundos mostra Johanka a surgir da escuridão e a afastar-se da câmara, movendo-se na direcção da luz do corredor e das escadas. Vemos a sua silhueta escura. O interior da escola é funcionalista – dominado por uma parede de vidro que cria uma atmosfera única e luminosa. Em destaque está também o chão de pedra sobre o qual as sombras das personagens se reflectem (**imagem 2**). No momento em que Johanka repara na funcionária, que se aproxima, torna-se insegura e abranda o passo. O interminável e desagradável tom da campai-



1



2

nha pára no final do plano, assim que o som das socas de Johanka começa a dominar a banda sonora. Num plano breve vemos Johanka e a funcionária em frente uma da outra perto das escadas, com a parede de vidro em segundo plano. Ao pé de Johanka, a funcionária parece verdadeiramente corpulenta e imponente (**imagem 3**). Esta repreende Johanka por causa dos sapatos – a rapariga não está a usar o calçado de interior obrigatório. A seguir, assistimos a um diálogo entre elas: a câmara enquadra Johanka a partir da perspectiva da funcionária (**imagem 4**) e a funcionária a partir da perspectiva de Johanka. Isto reforça ainda mais a sensação de posição física dominante por parte da funcionária da escola. Quando esta grita “Mentirosa!”, vemos cabeças de dragão animadas a sair do seu turbante. Johanka responde a esta visão elogiando ironicamente o turbante da funcionária. Esta não reage ao elogio e prossegue com a sua diatribe. A cabeça da mulher aproxima-se da câmara e de Johanka, e, tal como as cabeças de dragão, fumo animado sai pelas suas narinas, imitando um animal (**imagem 5**). A funcionária agarra bruscamente Johanka pelo pulso e arrasta-a pelo corredor. As personagens saem de campo, ouvimos o som das socas de Johanka e o tilintar das chaves da funcionária. Estamos num bengaleiro (**imagem 6**). A funcionária está em frente a uma rede metálica que divide o bengaleiro do corredor, olhando para a rapariga. Johanka procura os seus sapatos. Vemo-la através da rede, do ponto de vista da funcionária. Contudo, quando a câmara está focada na rapariga, a rede é apenas uma mancha desfocada. Sem hesitar, Johanka continua a mentir, escolhendo um par de sapatos aceitável. A funcionária, enfurecida, não acredita em Johanka. A câmara afasta-se das



3



4



5



6

duas personagens e fica de fora, numa zona para além do bengaleiro. A funcionária entra no bengaleiro, aproxima-se de Johanka, e dá-lhe uma bofetada (**imagem 7**). Johanka cobre o nariz. A funcionária continua a agir de forma agressiva e agarra Johanka pelo braço. Num plano ao nível do chão, vemos uma gota de sangue a cair. Aparecem os pés das personagens a andar. A câmara sobe lentamente e segue a funcionária, que se afasta, agarrando Johanka. As personagens desaparecem pelo corredor; som e imagem esbatem-se (**imagem 8**). Estamos numa espécie de arrecadação da escola. A câmara está focada no tecto, mostrando um candeeiro que produz curiosas sombras circulares (**imagem 9**). Roda como se fosse um carrossel, mas muda de direcção sem fazer um círculo completo. A música, que também inclui sons do mar, cria uma agradável sensação de privacidade, suspensão e paz. Algo muito subtil e estranho acontece – as sombras do candeeiro separam-se. No plano seguinte, descobrimos que estivemos a olhar para o tecto através do olhar de Johanka, que está sentada numa poltrona giratória (**imagem 10**) com um tampão no nariz. De repente, ela vai-se embora e a cadeira fica a girar. O plano surge picado sobre Johanka, um pouco à sua esquerda e à direita de uma fonte de luz. A música vai ficando mais dramática (**imagem 11**). Segue-se o plano final da sequência. Estamos novamente a olhar para o tecto, a câmara virando-se na direcção da cadeira giratória. As sombras projectadas pela luz do tecto multiplicam-se, dando origem à sombra de um tigre. Este salta na direcção da janela da sala, que está fechada (**imagem 12**). Toda a sequência é filmada em tons quentes, característica igualmente salientada pelas cores das personagens (ver **Questões de cinema – A importância da cor**, pág. 15).



Contraste e conflito

Esta é uma cena importante em que as diferenças e o conflito entre Johanka e o mundo dos adultos se intensifica, levantando a questão do contraste, a vários níveis. A composição de uma iluminação precisa, servindo-se exaustivamente de contrastes acentuados entre os elementos claros e escuros da cena, desempenha um papel fundamental. As silhuetas em contraluz, sombras e reflexos, surgem em destaque. O motivo das “grades” repete-se ao longo da sequência – a parede de vidro junto às escadas da escola é composta por pequenos blocos de vidro e a rede de arame no bengaleiro sublinha o desconforto de Johanka na escola. Este é um espaço onde ela não se sente livre e onde experienciar uma sensação de constrangimento a que tenta resistir, fazendo o possível para não se adaptar ao sistema. A violência é retratada com distância e mantida atrás das grades para limitar a empatia do espectador. A cena seguinte transmite uma sensação de paz, um retorno à criatividade.

O mundo das crianças e das personagens adultas

Na sequência analisada é possível também identificar as diferentes abordagens gráficas do realizador Petr Oukropec relativamente às personagens infantis e adultas. Enquanto que, no caso de Johanka, a ênfase é colocada numa representação discreta e nas subtis *nuances* da sua linguagem corporal e discurso (por exemplo, na sua hesitação ao reparar na funcionária no corredor), a personagem adulta da funcionária é retratada de forma muito menos realista. É uma caricatura exagerada dos professores da infância. Não está construída como uma personagem realista, pois, contém muitas características das velhas bruxas dos contos de fadas. Em **O Tigre Azul**, as personagens adultas são sempre retratadas de forma fragmentada e relativamente maniqueísta. Este é também o caso dos pais, personagens muito próximas das crianças. A nossa narradora é Johanka, cujo olhar infantil nos dá a ver o mundo. O filme não pretende captar um mundo realista, mas um que seja filtrado pelo olhar de uma criança com a consciência da sua originalidade e imperfeições.

REFLEXOS DO IMAGINÁRIO: UM JARDIM MÁGICO

Podemos estabelecer numerosas associações visuais com o filme **O Tigre Azul**. O motivo da natureza, ligado ao Romantismo e à arte *naïf*, é um tema forte, mas, a tradição dos livros infantis ilustrados também desempenha o seu papel.

- 1 – Plano de **O Tigre Azul**
- 2 – Henri Rousseau, Surprised!, 1891, National Gallery (Londres)
- 3 – Henri Rousseau, Femme en Rouge dans la Forêt, c. 1907, coleção privada
- 4 – Jiří Trnka, ilustração do livro *The Garden*



1



2



3



4

DIÁLOGOS ENTRE FILMES

O TIGRE AZUL, LA RENTRÉE DES CLASSES E PETITE LUMIÈRE

Existem algumas correspondências curiosas e elementos partilhados com outros filmes da colecção CinEd. Deparamo-nos com uma sobreposição significativa de temas e abordagens formais nas curtas-metragens *La Rentrée des Classes* e *Petite Lumière*. *La Rentrée des Classes* (França, 1953), de Jacques Rozier, passa-se na zona rural da Provença nos anos 1950. O jovem herói René foge para o campo antes do primeiro dia de aulas. Fatima, a protagonista de oito anos da curta-metragem *Petite Lumière* (França, 2002), de Alain Gomis, vive na actual Dakar e explora o mundo ao seu redor tão meticulosamente que entra em conflito com os pais.

A VISÃO DO MUNDO ATRAVÉS DO OLHAR DAS CRIANÇAS

Johanka, René e Fatima estabelecem uma relação particular com a realidade, que, devido aos seus anseios e imaginação, conseguem transformar. O universo do filme tem de conseguir captar a perspectiva subjectiva de uma criança. Não de uma forma realista, mas peculiar, fragmentada e particular. A motivação clássica das personagens e as reviravoltas da narrativa passam para segundo plano em relação à atmosfera, sensibilidade, humor e cenas focadas nas crianças protagonistas e no seu meio circundante. Algumas personagens adultas – tais como o professor de René, que não tem problemas com o facto de o trabalho de casa ter sido realizado por um amigo adulto de René – agem de forma tão bizarra, que parecem ter sido imaginadas pelas próprias crianças. Nos três filmes, ficamos a conhecer em pormenor o mundo de cada uma delas; cada um visualmente impressionante e cheio de personagens coloridas e únicas, retratadas através de uma compreensão humanista da diversidade humana.

Quer Fatima, quer Johanka e René, descobrem nos seus mundos o que até então permanecia escondido. Fatima pondera sistematicamente a existência de um mundo por trás dos olhos fechados e da água que não é possível ver ou ouvir. René foge espontaneamente para o mundo da natureza, deixando-se envolver entusiasticamente pela vida selvagem. E, como recompensa, a natureza abre-se para ele, mostrando-lhe que sob a superfície do rio não está apenas submersa a sua pasta da escola, mas também animais selvagens. Finalmente, Johanka descobre um mundo escondido, pois, o tigre azul que habitava a sua imaginação sob diversas formas acaba por ser real – uma criatura pequena e indefesa, mas prodigiosa.

Os três heróis têm personalidades muito fortes e distintas, sendo parcialmente excluídos dos outros grupos de crianças. Johanka, René e Fatima caracterizam-se pela sua espontaneidade e incapacidade para se adaptarem ou agirem totalmente de acordo com as regras ou desejos dos pais, professores ou colegas. Nos três filmes, os sentidos, através dos quais as crianças comunicam com o mundo que os rodeia, desempenham um papel extremamente importante. Fatima experimenta com a visão e a audição, explorando o mundo para além do seu alcance. Na sua viagem, René absorve a natureza espontaneamente através de todos os sentidos – visão, audição, tacto, paladar e olfacto. Para Johanka, o sentido mais importante é a visão, através da qual percebe e transforma a realidade.

Os protagonistas infantis nos seus mundos:



Petite Lumière



Rentrée des Classes



The Blue Tiger

CONFIANÇA E CONFLITO

Nos três filmes há pelo menos um adulto com quem as crianças mantêm uma relação amigável. Estes são adultos que ainda conseguem ver o mundo através do olhar das crianças. René conta com Sassu, Fatima com o seu irmão, e Johanka com a mãe. Estas relações baseiam-se na tolerância das personagens adultas e na sua compreensão, assim como na confiança mútua. René, o rapaz errante, e as eternas sonhadoras Fatima e Johanka que quebram as regras da escola, metem-se em situações de conflito. Os confrontos entre René e o professor, Fatima e a mãe, e entre Johanka e a funcionária da escola, recebem de cada uma das crianças reacções semelhantes de resistência, atrevimento e coragem para enfrentá-los de cabeça erguida. Fatima e Johanka levam bofetadas como castigo. Em ambos os casos, a violência é retratada com leveza, evidenciando que a criança não é afectada psicologicamente. Seguem-se, invariavelmente, períodos de reconciliação. René e Johanka têm dificuldade em adaptar-se ao sistema e fogem da escola. Ambas as fugas dão origem à contemplação e à suspensão do presente.

Após o conflito:



Petite Lumière



The Blue Tiger

O PODER DA IMAGINAÇÃO

Fatima e Johanka têm idades semelhantes; uma tem oito, a outra nove anos. Ambas possuem imaginações de tal modo desenvolvidas que complicam as suas relações com aqueles que as rodeiam. Johanka vê desenhos ganharem vida diante dos seus olhos e anima situações reais na sua cabeça.

Fatima explora minuciosamente o que os outros não conseguem ver ou ouvir, compreendendo que a sua imaginação pode invadir a realidade – pessoas movendo-se como se andassem sobre esquis, e bolas, que podemos ouvir, mas não ver, ricocheteando contra parede.

Ambas as raparigas possuem lugares mágicos de refúgio. No caso de Fatima, é a paisagem dos Esquimós, sobre a qual leu nos livros. No caso de Johanka, é o mar e uma ilha onde habita um tigre azul selvagem. Ambas visitam os seus santuários graças ao poder da sua imaginação.

No reino da imaginação:



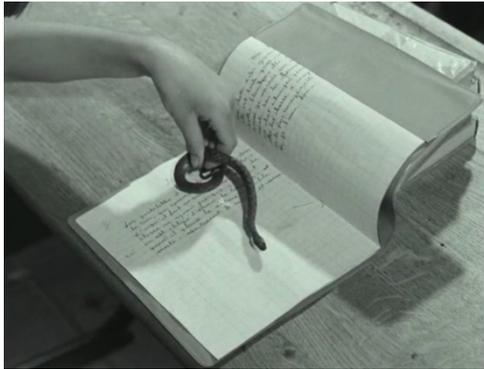
Petite Lumière



The Blue Tiger

A NATUREZA COMO ESPAÇO DE LIBERDADE

Johanka, René e a pequena Fatima adoram a natureza, estando intimamente ligados a ela. Johanka luta para preservar o jardim botânico que é a sua casa. Ela toma conta do tigre azul quando está ferido, mas também aceita inteiramente a sua indomabilidade e independência. René foge para o campo e regressa com um animal selvagem bizarro – uma cobra. No entanto, rapidamente percebe que o animal não pertence à civilização.



Rentrée des Classes

No final das três narrativas, cada uma das crianças encontra-se num ambiente natural. René leva a cobra até ao rio. Johanka visita o tigre selvagem na sua ilha, e Fatima senta-se à beira-mar, deleitando-se com a re-bentação das ondas. Os três estão ligados ao elemento da água, símbolo da indomabilidade e da diversão de Verão.

Finais felizes na natureza:



Rentrée des Classes



Petite Lumière



The Blue Tiger

CAMINHOS: INSPIRAÇÃO LITERÁRIA

O livro a partir do qual o filme **O Tigre Azul** foi adaptado e sobre o qual se baseia fielmente em termos de ideias, também buscou inspiração numa série de obras da literatura mundial e checa infantil e juvenil. Logo no início do livro, depois de uma página de texto, encontramos a seguinte nota dedicada à paixão de Johanka pela leitura:

Diário de leitura J. G.

Emílio e os Detectives, Emílio e os Três Gémeos, We Were Five, Tintin – A Ilha Negra, The Treasure of Silver Lake, Winnetou, Swallows and Amazons, Swallowdale, Winter Holiday, Belle e Sebastián, Momo e o Senhor do Tempo, Ronja, Filha de Ladrão, Pipi das Meias Altas, Os Moomins, O Hobbit, As Crónicas de Nárnia, Harry P.⁷, Roches a Bžunda

Os livros enumerados remetem para a literatura infantil inglesa, escandinava e alemã, muito popular entre os leitores checos (e não só). A maioria dos heróis infantis destes livros passa por, em maior ou menor grau, aventuras realistas ou fantásticas, enfrentando, por vezes, adversários particulares (o ladrão de Emílio, os caras brancas, os nazis, etc.). Temas comuns são a amizade, a água ou o mar, as aventuras das crianças no campo ou num contexto urbano, assim como o seu relacionamento com animais predadores (cães, leões, etc.). É evidente que a autora Tereza Horváthová não escolheu os títulos acima por acaso; pelo contrário, os seus temas destas obras estão relacionados com o seu livro.

O JARDIM

No filme **O Tigre Azul**, o jardim botânico é a casa das crianças, um lugar de segurança, estabilidade e beleza. Acima de tudo, este jardim botânico remete para o tema popular do jardim enquanto lugar mágico de natureza selvagem a que (não só) os heróis infantis têm acesso, um lugar onde as imaginações das crianças se tornam realidade e onde não se é prisioneiro. Na literatura checa, um livro essencial sobre este tema é *The Garden*, de Jiří Trnka. Trnka, artista visual, ilustrador e criador mundialmente famoso de filmes de animação e de marionetas, escreveu e ilustrou este livro no início dos anos 1960, uma época de degelo cultural e político. Tornou-se num livro de culto de várias gerações de crianças e pais. O herói colectivo é um grupo de cinco rapazes que entra num jardim à socapa e decide explorá-lo. Os residentes mais importantes do jardim incluem um velho anão, um felino rabugento e uma baleia sabichona. Para Trnka, o jardim é um lugar onde as regras habituais não se aplicam, celebrando a liberdade e a imaginação das crianças.

Petr Oukropec confirma a inspiração directa da obra *The Garden* a dois níveis: *“O jardim de Trnka foi uma inspiração para nós. É o arquétipo do jardim mágico onde as crianças entram e a sua imaginação se torna realidade. A segunda inspiração foi de cariz prático.*

A repérage conduziu-nos à própria casa e jardim de Trnka; a dada altura considerámos a possibilidade de filmar no próprio local.”⁸



Ilustração do livro *The Garden*



Entrada da casa de Trnka em Košíře, Praga

⁷Harry Potter.

⁸ Entrevista de Tereza Dvořáková a Peter Oukropec para o CinEd, Praga, 05.03.2018.

O TIGRE

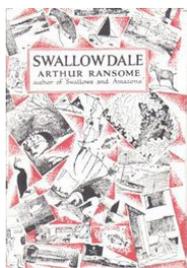
Outra incontestável inspiração literária de **O Tigre Azul** é o famoso romance *Tracy's Tiger*, escrito por William Saroyan nos anos 1950, ainda hoje muito popular entre os leitores mais jovens. Se analisarmos atentamente as duas histórias, encontramos inúmeras situações e temas semelhantes. A cria de tigre de Tracy, inicialmente também só vista por ele, simboliza o imaginário infantil, a independência e o desejo de coragem. O seu tigre também se torna visível aos outros após uma perturbação no equilíbrio do mundo do herói (tal como no caso de Johanka, mas, neste caso, a cidade muda e Tracy não consegue encontrar os amigos e a namorada). O tigre semeia o pânico pela cidade, mas fica ferido e esconde-se. O tigre de Tracy não está tão intimamente ligado à natureza como o tigre azul. Depois de recuperar no seu esconderijo, cura milagrosamente os pacientes do hospício (do mesmo modo que o tigre azul afecta as plantas da estufa). Finalmente, a partida de cada um dos tigres é muito semelhante. Em ambos os casos, eles desaparecem de um espaço fechado, partindo para uma realidade diferente, pois, tanto os protagonistas do livro como do filme já não precisam deles.

Nos anos 1960, a escritora e ilustradora inglesa de origem alemã Judith Kerr retomou o tema do tigre que estabelece amizade com uma menina em *The Tiger Who Came to Tea*, um livro infantil de grande sucesso. Para além das crianças, o livro inclui a personagem da mãe, que, tal como a mãe de Johanka, aceita sem surpresa o facto de um tigre poder visitar a sua casa para beber um chá.

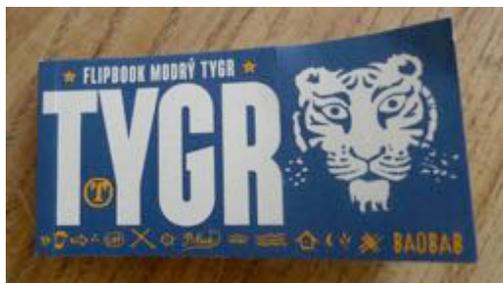
Como sabemos, no filme, o tigre parte para uma ilha. Tanto no livro original como no filme, Johanka está a ler a obra *Swallowdale*, de Arthur Ransome. Este clássico da literatura infantil, publicado pela primeira vez no Reino Unido em 1931, traça as aventuras de dois grupos de irmãos no interior de Inglaterra. Uma parte significativa do livro passa-se na *Wild Cat Island* (Ilha dos Gatos Selvagens), que cumpre um papel semelhante ao jardim do livro de Trnka enquanto lugar de refúgio. Apesar de as personagens de Ransome se encontrarem num contexto realista, a ilha é um sítio de intermináveis brincadeiras de criança repletas de imaginação e alegria. Nos seus sonhos, Johanka é inspirada por *Swallowdale* e visita a *Wild Cat Island*, a ilha do tigre azul onde, no final do filme, estão todos os que lhe são próximos e queridos.



Tracy's Tiger



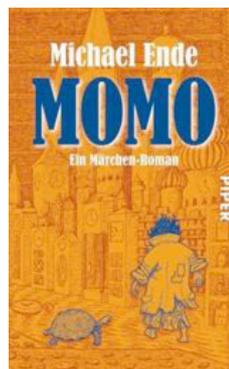
Swallowdale



Folioscópio de *The Blue Tiger*

A LUTA CONTRA O NEOLIBERALISMO

Encontramos igualmente uma significativa fonte de inspiração de **O Tigre Azul** no contexto dos livros infantis e juvenis de esquerda, cujas raízes podem ser identificadas com a cultura alternativa dos anos 1960 e 1970. Um bom exemplo é a obra *Momo e o Senhor do Tempo*, de 1973, do escritor alemão Michael Ende, que conta a história de uma menina especial chamada Momo cuja luta contra os Homens de Cinzento – ladrões do tempo – é um alerta contra o mundo do capitalismo liberal, onde as pessoas perdem de vista o mais valioso: os seus valores, tradições, paz e tempo. Tal como Johanka, Momo vive numa grande cidade com um novo bairro em expansão. Contudo, passa o seu tempo num antigo anfiteatro. Novamente, tal como Johanka, Momo não se enquadra, encontrando dentro de si a coragem para lutar contra um mal muito mais poderoso do que ela. Também no livro de Ende, as crianças não sucumbem facilmente às tentações do mundo moderno. Através de Momo, o autor lança um alerta aos adultos por meio de uma manifestação. No livro, encontram-se muitos temas ambientais importantes, tal como em **O Tigre Azul**. A única forma de salvar a humanidade é libertando as flores do tempo, retirados dos corações das pessoas pelos Homens de Cinzento. Momo conta ainda com a ajuda de um animal, a tartaruga Cassiopeia.



Momo e o Senhor do Tempo



Manifestação das crianças no filme *Momo e o Senhor do Tempo* (real. Johannes Schaaf, RDA – Itália 1986)

RECEPÇÃO: TROCA DE IMPRESSÕES

CRISTINA MOLES KAUPP, *O TIGRE AZUL*⁹

A MEMÓRIA DOS FILMES INFANTIS CHECOS

Em termos de apresentação de personagens, abordagem e estética, **O Tigre Azul** faz lembrar os filmes infantis da antiga Checoslováquia. Não se limitando ao gênero infantil e de cariz multifacetado, o filme retrata a vida das crianças, os seus conflitos interiores e confrontos com os adultos. Estes são filmes que interessam igualmente a todas as idades. Séries televisivas, tais como *Pan Tau* ou *Os Visitantes*, e filmes de fantasia como *Três Avelãs* para Cinderella (*Tri oříšky pro popelku*, Václav Vorlíček, CS, RDA 1973), são internacionalmente conhecidos. Os elementos cómicos, fantásticos e surreais destas obras contrastam com o mundo quotidiano, no qual as forças da autoridade vão perdendo terreno. Também inserido nesta tradição está o realizador de **O Tigre Azul**, Petr Oukropec, que aproveita uma narrativa simples para explorar o tema do ambiente urbano em transformação e o risco da protagonista Johanka perder a casa. A realização e a montagem ilustram o modo como as crianças vêem o mundo e o meio urbano. A utilização frequente de planos contrapicados serve para enfatizar o seu ponto de vista.

The screenshot shows a website page for the film "Der Blaue Tiger" (Modrý tygr). The page is in German and provides detailed information about the film, including its release date, director, cast, and technical specifications. The synopsis describes the story of a young girl named Johanna who lives in a city and has a special connection to a tiger. The page also includes a section for "Reminiscenzen an den tschechischen Kinderfilm" (Reminiscences of the Czech children's film), which mentions the film's aesthetic and its connection to the Czech film industry.

⁹ Cristina Moles Kaupp, *Der Blaue Tiger*. *Kinofenster.de*, 11/2013, pg. 2–3. Acessível online em <https://www.kinofenster.de/filme/archiv-film-des-monats/kf1311/der-blaue-tiger-film/> (acedido em 01.07.2018).

MEMÓRIA

O desenvolvimento da narrativa é repetidamente interrompido por uma animação poética. Uma iluminação branca brilhante confere um toque de magia às plantas e à pele do tigre; as imagens dos postais e o papel de parede movem-se; e os sonhos de Johanka são ilustrados com a ajuda da animação. O tigre, ao contrário do filme de Ang Lee, *A Vida de Pi* (EUA, 2012), não é gerado por computador, mas real; o realizador Oukropec trabalhou com crias de vários meses cujas peles foram coloridas de azul na pós-produção.

FELINO PEQUENO, SOMBRA GRANDE

A princípio, as sombras em movimento e as passagens animadas não revelam a dimensão e força do assustador tigre. Quando Johanka descobre o animal ferido por causa de um acidente de automóvel, fica surpreendida e aliviada por este ser tão pequeno e indefeso. O seu cuidado com o tigre é recompensado com magia: de um dia para o outro, o jardim botânico torna-se uma sensação, com o nascimento de novas plantas. Enquanto os média se focam neste acontecimento e uma campanha é lançada para salvar o jardim, o presidente da câmara continua a sua caça ao tigre. O autarca considera-o uma criatura selvagem cuja liberdade é consequência do caos inerente ao velho bairro, lembrança permanente de uma vida turbulenta, colorida e desordeira. A vida pulsa dentro do bairro e antros de enfermidade como o jardim botânico ou as antigas piscinas municipais comprometem a liberdade. Por oposição, o novo bairro do autarca ostentará uma arquitectura moderna, assim como ruas onde ninguém, muito menos um tigre azul, se pode esconder. As fachadas envidraçadas são uma garantia de transparência, declínio da liberdade individual e uma forma discreta de controlo da população da cidade. No entanto, Oukropec apresenta o presidente da câmara como uma caricatura, fazendo com que os habitantes da cidade deixem gradualmente de acreditar que estão sob a ameaça de um perigoso felino. As outras personagens adultas, reféns das suas rotinas, são também caracterizadas como ridículas e distorcidas, ainda que o conflito entre Johanka e a mãe seja retratado de forma séria.

JOHANKA – UMA SONHADORA CORAJOSA

Sendo um conto de fadas passado numa grande cidade, **O Tigre Azul** não só levanta questões relacionadas com a protecção dos animais, das plantas e do meio ambiente, mas também explora a existência de personagens como Johanka, prisioneiras de cidades planificadas e biótopos sociais conformistas. Ainda que à primeira vista seja como qualquer criança de nove anos, Johanka, ao contrário dos seus colegas da escola, não se interessa por modas, roupas ou aparelhos electrónicos. Se não tem relógio, desenha um no pulso; desenhar é o que mais gosta de fazer. Johanka sente-se à vontade na presença de animais e plantas, assim como rodeada pelo caos doméstico da mãe. A sua imaginação fértil permite-lhe ultrapassar a realidade da vida quotidiana, levando-a a ver as coisas mais estranhas, como dragões venenosos e sibilantes nas costas da funcionária da escola e, finalmente, o tigre azul. Graças a isso, começa a usar a sua imaginação

como ferramenta ou arma. Quando o tigre desaparece, no final, Johanka não fica triste, pois, foi capaz de adquirir uma nova perspectiva sobre a realidade e de aprender que, com empatia e imaginação, pode sempre lutar para salvar o seu ambiente.

ŠIMON ŠAFRÁNEK, O TIGRE AZUL. NA SUA ESTREIA COMO REALIZADOR, PETR OUKROPEC NÃO TRATA AS CRIANÇAS COMO IDIOTAS¹⁰

Quando vi **O Tigre Azul** senti-me transportado para a minha infância, para um tempo em que, na televisão, passavam filmes infantis como *The Octopuses from the Second Floor*, e outros do género, que tinham uma atmosfera única: os actores misturavam-se com cenas de efeitos extremamente bem executadas, fazendo com que, de certa forma, o todo parecesse real. Quando, em **O Tigre Azul**, a menina desenha um felino no seu caderno e este descontraidamente ganha vida, eu tenho a sensação de estar a olhar para um tigre real. [...]

AS CRIANÇAS REPRESENTAM COMO ADULTOS

[...] Para um crítico severo, o argumento do filme parece demasiado simples, mas, admito que nem tive tempo para me aborrecer: as crianças desempenham personagens adultas absolutamente credíveis. A imagem real é constantemente estimulada por sequências de animação. Em **O Tigre Azul**, os desenhos e a sua relação com os actores seguem a tradição europeia. É como se, graças à *Negativ*, uma nova escola de animação tivesse sido criada na República Checa, muito mais original do que os efeitos 3D banais de filmes como *Saxana* ou de qualquer série de fantasia. Contudo, as sequências de acção beneficiariam de uma realização mais sofisticada. Em contrapartida, Oukropec triunfa graças ao elenco. Linda Votrubová, em particular, é um portento. As localizações de Karlín, Praga, e do jardim botânico, enriquecidas por cores vivas, dão ao filme uma atmosfera inesquecível. E o tigre azul não é assim tão fácil de encontrar.

As ideias para o trabalho pedagógico baseiam-se nos princípios do CinEd e destinam-se a tornar o cinema mais acessível para alunos a partir dos 6 anos de idade. Algumas secções e metodologias são também úteis para outros grupos etários. O filme é tornado acessível de uma forma sensível e intuitiva, com o objectivo de promover uma pedagogia de recepção. A finalidade do debate não é encontrar respostas, mas estabelecer uma relação com a obra de arte, estimular a sensibilidade para o detalhe, desenvolver competências de expressão e incentivar o diálogo. Os materiais pedagógicos estão relacionados com as **Fichas do Aluno**, destinadas aos mesmos.

I. ANTES DE VER O FILME

CARTAZES DE CINEMA

Foram criados vários cartazes diferentes para o filme. Todos têm características em comum (o tigre, a cor azul, informação filmográfica e logós). Em que aspectos diferem e porquê? Sugerem diferentes sensações e ambientes? E que métodos são utilizados para transmitir essas sensações e ambientes? (ver **Cartazes**, pág.3)

SONS DO FILME

Reproduza um breve excerto da banda sonora original referente ao início do filme (01:00-02:25) (sons da estufa do jardim botânico misturados com música, o início da conversa de Johanka com um peixe). Em conjunto com os alunos, considere o que ouviram: sons da natureza? Que sons? Natureza exótica, porquê? Vozes? Animais? Que animais? Música? Outros ruídos? Que língua é falada no filme? Sobre o que é o filme?

II. DEPOIS DE VER O FILME

O QUE VIMOS NO FILME

Organize debates com os alunos sobre o que viram no filme. Repetição da história e temas principais.

- Estabeleça um diálogo com os alunos sobre o filme – como começou, o que aconteceu depois. Durante o debate, oriente-os a serem capazes de descrever não só o enredo, mas também a focarem-se nas

sensações das personagens principais, motivações e atmosfera de determinadas cenas. Fale com os alunos sobre o que não compreenderam, do que gostaram mais e o que acharam estranho ou particularmente interessante. O professor pode ainda orientar os alunos a pensarem sobre alguns dos temas sugeridos no material pedagógico. (ver **Destques**, pág. 5 ou **Questões de cinema**, pág. 14)

IMAGENS E PALAVRAS-CHAVE DO FILME

Reflexão sobre o contexto do filme: cidade velha versus cidade nova

- O debate ou workshop artístico pode centrar-se nas diferenças entre o velho e o novo bairro do filme. Porque existe esta dicotomia? Que sentimentos provocam os dois ambientes? Estes sentimentos revelam alguma ambiguidade? Quais as vantagens e desvantagens de ambos os mundos? (ver **Questões de cinema – Velho e novo**, pág. 16)

Reflexão sobre os limites da fantasia e da realidade

- Algumas cenas do filme representam as fantasias de Johanka, outras retratam o mundo real. Incentive os alunos a pensar sobre quais retratam a imaginação e quais retratam a realidade. (ver **Questões de cinema – Tigre escondido – tigre revelado**, pág. 14) Pode também escolher analisar o plano em que Johanka destrói o desenho da grua. (ver **Análise de um plano: destruição de uma grua**, pág. 18)

A luta contra o mal nos contos de fadas

- A história pode ser contada como um conto de fadas em que o bem enfrenta o mal. Pegue nesta ideia e determine o que, no filme, poderá representar o bem e o mal, e porque os alunos o percebem desta forma. Pergunte o que seria diferente no filme se fosse um conto de fadas tradicional. A história acabaria assim ou de outra forma? Em grupo, os alunos podem escrever o seu próprio conto de fadas a partir de **O Tigre Azul**, criar uma banda desenhada ou fazer uma pintura. Pode ser interessante ajudar os alunos a compreenderem que o filme não tem um final feliz. (ver **Destques**, pág. 5)

O QUE OUVIMOS NO FILME

Trabalhar com diálogos

- Os diálogos da **Ficha do Aluno** foram seleccionados para relembrar os temas principais do filme, podendo ser igualmente utilizados para outro tipo de exercícios a realizar na aula. O trabalho a partir dos diálogos pode ser elaborado de várias maneiras – o professor pode falar com os alunos sobre o seu conteúdo, os alunos podem representar as cenas, filmar os seus próprios diálogos, adicionar música ou sons e depois comparar com o original.

Trabalhar com sons

- Reproduza um breve excerto da banda sonora original desde o início da sequência da bofetada (15:50-16:25). Em conjunto, tente perceber o que é possível ouvir na sequência – a campainha da escola, pessoas a correr, diálogos, alguém a agarrar as socas, a voz da funcionária da escola. Juntamente com os alunos, pode responder a questões sobre a dimensão do espaço onde se ouvem os sons e ruídos. (ver **Análise de uma sequência: a bofetada**, pág. 19)

SOBRE O FILME

Apesar de a história de **O Tigre Azul** se passar actualmente, o filme contém vários traços anacrónicos. A que época associam os alunos o filme e porquê? Que temas dentro do filme julgam ser antiquados ou arcaicos e quais os tópicos mais actuais? A que época associariam o filme se fossem os seus realizadores, e porquê? Mudariam a história ou outros aspectos – ambiente, vestuário, tecnologia...? (ver **Contextos**, pág. 6 e **Questões de cinema – Velho e novo**, pág. 16)

FAZER UM CARTAZ DE CINEMA

Os alunos escolhem algumas imagens do filme **O Tigre Azul** (a partir do **Kit Média** do filme na página do projecto ou no **Espaço do Jovem Espectador** <http://event.institutfrancais.com/cined>). Baseando-se nas imagens seleccionadas, o aluno, individualmente ou em grupo, cria o seu próprio cartaz. A técnica e formato artístico podem variar – desenho ou pintura, colagem, ilustração digital, etc.

Em alternativa, o professor pode orientar os alunos a focarem-se na “cor” (cartaz monocromático), na dicotomia “velho/novo” (imagem de fundo do cartaz) ou “natureza versus cidade” (conteúdo e imagem de fundo do cartaz). (ver **Questões de cinema**, pág. 14)

ANIMAÇÃO DE FIGURAS

Os sonhos de Johanka surgem no filme sob a forma de animação bidimensional. Este é um tipo de animação bastante simples e eficaz que pode ser realizado na escola.

Os alunos criam o seu próprio boneco/marioneta de acordo com as instruções na **Ficha do Aluno** (o tigre ou outra personagem). A seguir, elaboram um ou mais cenários. Durante este trabalho, deve salientar-se a importância da escolha e da utilização contextual das cores individuais (contraste e alinhamento de acordo com as especificidades da animação). (ver **Questões de cinema – Cores**, pág. 15)

Os alunos devem ser encorajados a:

- Criar um cenário velho/novo para a personagem animada. O cenário pode basear-se no seu próprio contexto – podem procurar elementos velhos e novos na arquitectura da sua cidade e transformá-los no cenário do tigre (desenho, colagem de fotografias, etc.). (ver **Questões de cinema – Velho e novo**, pág. 16)
- Perceber a duração real dos movimentos (compreender o movimento – a sua velocidade, dinâmica e estilização – é uma parte fundamental para perceber o filme de animação).

O trabalho no filme de animação pode ser realizado individualmente ou enquanto projecto – os alunos podem animar os planos em grupo, etc. A tecnologia utilizada na animação depende dos meios disponíveis em cada escola. O ideal seria: a utilização de uma câmara digital de alta qualidade ligada directamente a um PC com software de animação profissional, um tripé, iluminação e uma mesa de vidro. Mas, é igualmente possível trabalhar com meios mais modestos e facilmente acessíveis. Um filme de animação pode ser feito utilizando unicamente um smartphone com aplicações de utilização fácil (tal como a Stop Motion Studio). Uma animação simples é realizada a 12 imagens por segundo.

REFLEXOS DE IMAGENS

Comparação de imagens de **O Tigre Azul**, obras de arte relevantes e a ilustração de uma criança. Os alunos encontram semelhanças? Existem outras imagens que associam com o filme? (ver **Reflexos do imaginário**, pág. 21) Discuta com os alunos algumas semelhanças com obras de arte específicas. O **Kit Média** pode encontrar-se na página do projecto ou no **Espaço do Jovem Espectador** <http://event.institutfrancais.com/cined>. O debate pode conduzir à análise do porquê de tais semelhanças.

COMPARAÇÃO DE FILMES

Conflitos e diálogos

Compare, juntamente com os alunos, o filme **O Tigre Azul** com os filmes *Rentrée des Classes* e *Petite Lumière*, da colecção CinEd. São filmes breves – é possível visionar um ou alguns excertos. A seguir, compare-os com **O Tigre Azul**:

- **Cenas de conflito:**
 - Conflito entre Fatima e a mãe (*Petite Lumière* 35:30 – 36:20)
 - Conflito entre Johanka e a funcionária da escola (**O Tigre Azul** 16:00 – 17:45)
- **Inicie um diálogo com os alunos sobre o que realmente aconteceu na cena e porquê. Porque foram as crianças castigadas?**
 - Como é que as crianças compreendem a violência? Como reagiriam os alunos a uma situação semelhante?
 - Ambas as cenas foram filmadas para que o espectador não fosse emocionalmente envolvido na cena de violência. Como é que os realizadores de ambos os filmes o fazem e porquê? (com uma equipa grande e a câmara afastada, por trás de um obstáculo, em **O Tigre Azul** e uma montagem estilizada seguida de uma cena calma em *Petite Lumière*).
- **Cenas de diálogo com adultos que conseguem ver o mundo através do olhar das crianças:**
 - René pede a Sassu que o ajude com os trabalhos de casa, acabando Sassu por fazê-los sozinho (*Rentrée des Classes* 00:01:55 – 00:03:10)
 - O irmão de Fatima pergunta-lhe onde gostaria de acordar e reproduz o som das montanhas

(*Petite Lumière* 00:25:00 – 00:26:10).

- Johanka e a mãe falam sobre o que pode fazer um tigre em recuperação (**O Tigre Azul** 00:58:55 – 00:59:45)

- O que é que os alunos consideram interessante em determinados diálogos? De que forma se comportam as personagens adultas, de um modo diferente do que é habitual noutros filmes ou na vida real? De que modo demonstram os cineastas uma sensação de confiança e intimidade entre as personagens (num momento de descanso, comportamento informal, comportamento inesperado, humor e brincadeira)?

(ver **Diálogos entre filmes: O Tigre Azul, Rentrée des Classes e Petite Lumière**, pág. 22 e também **Análise de uma sequência: a bofetada**, pág. 19)

Arquétipos e contextos formais

Juntamente com os alunos, compare o filme **O Tigre Azul** a outros filmes importantes do cinema checo e mundial com histórias ou aspectos formais semelhantes. Concentre-se nas semelhanças, diferenças e interligações temáticas e formais.

- A criança e o seu amigo imaginário e prodigioso, mas real – o tigre azul de Johanka aparece na primeira parte do filme como uma fantasia. No cinema checo e mundial há muitas histórias semelhantes – os alunos conhecem alguma? Os protagonistas infantis com amigos sobrenaturais e prodigiosos têm algo em comum?
- Uma combinação de imagem real e filme de animação – este processo é utilizado no cinema há mais de 100 anos e, na era actual dos truques digitais, é um processo formal bastante frequente nos filmes baseados em contos de fadas, histórias de fantasia ou ficção científica. Os alunos conhecem outros exemplos que combinam imagem real e animação? Após o visionamento do filme, os alunos conseguem enumerar outras técnicas de animação? Podem descrevê-las? Se fossem realizadores, que partes animadas fariam de modo diferente e porquê?

Mais informação sobre este assunto no capítulo **Inspirações**.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Fotogramas de *The Blue Tiger*: capa, pp. 4, 8, 9, 10, 12-14, 16-24 e contra-capas.

Outros créditos fotográficos: pg. 3 Cartazes de **The Blue Tiger** © Negativ, Arina, Farbfilm Verleih / pg. 6 Karel Smyczek, *Jen si tak trochu písknout*, 1980 © Státní fond kinematografie / pg. 6 Fotografias de cena de **The Blue Tiger** © Negativ / pg. 7 Petr Oukropec, *Ani ve snu!*, 2016 © Negativ / pg. 8 Tereza Horváthová – Juraj Horváth, livro *Modrý tygr*, 2004 © Tereza Horváthová – Juraj Horváth / pg. 8 Tereza Horváthová – Juraj Horváth, livro *Modrý tygr*, 2004 @ Baobab / pg. 10 Albert Lamorisse, *Le ballon rouge*, 1956 © Films Montsouris / pg. 10 Jindřich Polák, *Lucie, postrach ulice*, 1984 © Státní fond kinematografie / pg. 10 Lotte Reiniger, *Die Abenteuer des Prinzen Achmed*, 1926 © Deutsches Filminstitut / pg. 10 Karel Zeman, *Čarodějův učeň*, 1977 © Muzeum Karla Zemana – Národní filmový archiv / pg. 10 Peter Fischli – David Weiss, *Der Lauf der Dinge*, 1987 © Peter Fischli – David Weiss / pg. 10 anónimo, *AMAZING!!! Chain Reactions*, 2017 © acesso aberto / pg. 15 Sejeje Ejzenštějn, *Броненосец «Потёмкин»*, 1926 © domínio público / pg. 15 Steven Spielberg, *Schindler's List*, 1993 @ Amblin Entertainment / pg. 15 Alfred Hitchcock, *Marnie*, 1964 © Geoffrey Stanley Productions / pg. 15 material promocional de *Kill Bill* © A Band Apart / pg. 21 Henri Rosseau, pintura *Surprise*, 1891 © domínio público / pg. 21 Henri Rosseau, pintura *Femme en Rouge dans la Forêt*, c1907 © domínio público / pg. 21 Jiří Trnka, ilustração do livro *Zahrada*, 1962 © Jiří Trnka – herdeiros / pg. 21 Juraj Horváth, ilustração do livro de autor *Modrý tygr* © Juraj Horváth / pg. 22 Alain Gomis, *Petite lumière*, 2002 © Mille et Une Production / pg. 22 Jacques Rozier, *Rentrée des classes*, 1955 © Dovidis - Films du Colisée / pg. 23 Alain Gomis, *Petite lumière*, 2002 © Mille et Une Production / pg. ... Jacques Rozier, *Rentrée des classes*, 1955 © Dovidis - Films du Colisée / pg. 24 Alain Gomis, *Petite lumière*, 2002 © Mille et Une Production / pg. 24 Jacques Rozier, *Rentrée des classes*, 1955 © Dovidis - Films du Colisée / pg. 25 Jiří Trnka, ilustração do livro *Zahrada*, 1962 © Jiří Trnka – herdeiros / pg. 26 Matouš Přírky, capa do livro *Tracy's tiger*, 2001 © Matouš Přírkyl – Argo / pg. 26 Artur Ransome, ilustração do livro *Swallowdale*, 1931 © Artur Ransome – herdeiros / pg. ... Juraj Horváth / Folioscópico *Modrý tygr*, 2012 © Juraj Horváth / pg. 26 Michael Ende, ilustração do livro *Momo*, 1973 © Michael Ende – herdeiros / pg. 26 Johannes Schaaf, *Momo*, 1986 © Cinecittà - Iduna Film Produktiongesellschaft - Rialto Film - SACIS ...

Este caderno pedagógico é dedicado exclusivamente a fins não comerciais. Não pode ser parcial ou totalmente utilizado para qualquer benefício financeiro, sob pena de ficar sujeito a processo judicial.

Design Gráfico

Conceito visual: CinEd / Layout: CinEd



CINED.EU : UMA PLATAFORMA DEDICADA À EDUCAÇÃO PARA O CINEMA

CINED PROPÕE :

- Uma plataforma com conteúdos multilingues e gratuitamente acessíveis em 45 países europeus, para a organização de projecções públicas não comerciais
- Uma colecção de filmes europeus dedicados aos jovens
- Ferramentas pedagógicas simples para acompanhar as sessões (cadernos pedagógicos com pistas de trabalho para o mediador / professor, ficha público jovem, vídeo pedagógico destinado à análise comparada de excertos

CinEd é um programa de cooperação europeia dedicado à educação para o cinema dirigido aos jovens. CinEd é co-financiado pela Europa Creativa / MEDIA da União Europeia.

INSTITUT
FRANÇAIS

Co-funded by the
European Union



os filhos de
LUMIÈRE

formação + educação do olhar + educação artística

